



Universidade de Brasília
Instituto de Letras

**PREENCHIMENTO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS DA FRONTEIRA
BRASIL-URUGUAI (ACEGUÁ)**

KATARINNE FABRIZZI MACIEL DO COUTO

Brasília-DF
2024



Universidade de Brasília
Instituto de Letras

**PREENCHIMENTO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS DA FRONTEIRA
BRASIL-URUGUAI (ACEGUÁ)**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cíntia da Silva Pacheco

Brasília-DF

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Senhor Jesus, pela vida e pelo seu eterno amor. Toda honra e glória a Ele por eu ter feito essa monografia e por me guiar em todos os momentos da minha vida.

De todo coração, à minha mãe, Eliene, ao meu pai, Odair, e meus irmãos, Alex, Abraão e Guilherme, por todo suporte, amor e incentivo na caminhada. Vocês tornaram a realização deste trabalho possível.

Ao meu namorado, Marcos Paulo, pelos conselhos, apoio, amor e auxílios que foram essenciais para a realização e desenvolvimento desta pesquisa.

À orientadora Prof^a. Dr^a. Cíntia da Silva Pacheco, pelo aprendizado adquirido ao longo do processo de escrita, pela rápida aceitação de me orientar nesta monografia e pela paciência e diligência para me guiar em todos os momentos do processo de desenvolvimento do trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar a realização do sujeito na fronteira Brasil-Uruguai, particularmente na cidade chamada Aceguá, entre os jovens de 15-30 anos, faixa esta que é geralmente a mais favorável às mudanças e variações linguísticas. Para isso, pesquisas acerca da fronteira Brasil-Uruguai e do sujeito (Carvalho, 2022; 2008; Pacheco, 2014; Duarte, 1995) são utilizadas, além da base sociolinguística da variação (Labov, 2008), da parametria (Tarallo, 1987) e da mudança linguística (Weinreich, Labov e Herzog, 2006). A parte quantitativa é feita por meio do programa GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005), a fim de se ter uma pesquisa empírica que dê mais embasamento para a pesquisa qualitativa. Espera-se, com isso, verificar a fase de transição que se encontra a variedade do português em Aceguá, uma vez que se encontra em um contexto de contato linguístico entre o português e o espanhol, comprovar sua convergência em direção ao português brasileiro e aprofundar-se nas variáveis e fatores que condicionam o preenchimento do sujeito. Quanto aos fatores que favorecem os sujeitos expressos, tem-se os fatores: i) variável sexo: mulheres (0.534); ii) variável nacionalidade: brasileiros (0.565); iii) variável pessoa do discurso: 2º pessoa do singular e do plural (0.667), 1º pessoa do singular (0.657), 1º pessoa do plural (0.603); iv) variável padrão sentencial: antecedente como sujeito de uma oração não adjacente (0.536) e o antecedente com outra função sintática alocado no mesmo período, no período adjacente ou no período com orações intervenientes entre o antecedente e o pronome (0.608); e v) traço semântico: [+humano/+animado] (0.815) e o [-humano/+animado] (0.793).

Palavras-chave: sujeito; Aceguá; variação; português brasileiro; português uruguaio.

ABSTRACT

The present study aims to identify and analyze the realization of the subject at the Brazil-Uruguay border, particularly in the city of Aceguá, among young people aged 15-30, a group generally more open to linguistic changes and variations. To achieve this, research on the Brazil-Uruguay border and the subject (Carvalho, 2022; 2008; Pacheco, 2014; Duarte, 1995) is utilized, along with the sociolinguistic basis of variation (Labov, 2008), parameterization (Tarallo, 1987), and linguistic change (Weinreich, Labov, and Herzog, 2006). The quantitative part is conducted using the GoldVarb X program (Sankoff, Tagliamonte, and Smith, 2005) to provide an empirical basis for the qualitative research. The aim is to verify the transitional phase of the Portuguese variety in Aceguá, given its context of linguistic contact between Portuguese and Spanish, confirm its convergence towards Brazilian Portuguese, and delve into the variables and factors influencing the realization of the subject. As for the factors favoring the implementation of more expressed subjects, the following were identified: i) gender variable: women (0.534); ii) nationality variable: Brazilians (0.565); iii) discourse person variable: 2nd person singular and plural (0.667), 1st person singular (0.657), 1st person plural (0.603); iv) sentence pattern variable: antecedent as the subject of a non-adjacent clause (0.536) and the antecedent with another syntactic function placed in the same period, in the adjacent period, or in the period with intervening clauses between the antecedent and the pronoun (0.608); and v) semantic feature: +human/+animated (0.815) and -human/+animated (0.793).

Keywords: subject; Aceguá; variation; Brazilian Portuguese; Uruguayan Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Hierarquia de referencialidade	20
Figura 2: Localização geográfica de Aceguá.....	22

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência de sujeitos preenchidos <i>versus</i> sujeitos nulos na comunidade de Aceguá....	32
Gráfico 2: Frequência de realização do sujeito em Florianópolis-SC, Lagoinha-BA, Aceguá-RS/UY, Rio de Janeiro-RJ, João Pessoa-PB e Rivera-UY	33
Gráfico 3: Frequência de sujeitos nulos e expressos na 3 ^o pessoa do singular e plural na comunidade de Aceguá.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estratificação dos colaboradores	27
Quadro 2: Variáveis independentes sociais	28
Quadro 3: Variáveis independentes linguísticas.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Efeito da variável sexo em relação ao preenchimento do sujeito	34
Tabela 2: Efeito da variável nacionalidade em relação ao preenchimento do sujeito	35
Tabela 3: Efeito da variável pessoa do discurso em relação ao preenchimento do sujeito.....	37
Tabela 4: Efeito da variável padrão sentencial em relação ao preenchimento do sujeito.....	46
Tabela 5: Efeito da variável traço semântico do discurso em relação ao preenchimento do sujeito	48
Tabela 6: Efeito da variável tipo de referência em relação ao preenchimento do sujeito.....	51
Tabela 7: Cruzamento entre as variáveis tipo de referência e pessoa do discurso quanto ao preenchimento do sujeito	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	13
2 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS NA TEORIA GERATIVA.....	15
2.1 Parâmetro de sujeito nulo.....	16
3 A SOCIOLINGUÍSTICA PARAMÉTRICA.....	18
3.1 Distanciamento do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro e Parâmetro do Sujeito Nulo no espanhol.....	19
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI E DA REGIÃO DE ACEGUÁ.....	22
4.1 O português falado em Aceguá: o português uruguaio e o português brasileiro.....	24
5 METODOLOGIA.....	26
5.1 Objetivos e hipótese.....	26
5.2 A amostra.....	27
5.3 Os grupos e seleção de fatores.....	28
6 VARIÁVEL DEPENDENTE.....	32
6.1 Realização do sujeito em Aceguá e em outras regiões.....	33
7 VARIÁVEIS SOCIAIS SELECIONADAS.....	34
7.1 Sexo.....	34
7.2 Nacionalidade.....	35
8 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS SELECIONADAS.....	37
8.1 A pessoa do discurso.....	37
8.2 A 3º pessoa.....	41
8.2.1 Sujeitos indeterminados de 3º pessoa.....	42
8.2.2 3º pessoa: padrão sentencial.....	43
8.2.3 3º pessoa: traço semântico.....	47
9 VARIÁVEL NÃO SELECIONADA: TIPO DE REFERÊNCIA.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

O parâmetro do sujeito nulo é um dos mais conhecidos conceitos de Chomsky, o qual tem passado por reformulações e refinações a fim de dar conta das mais diversas línguas e suas peculiaridades ao redor do mundo. Holmberg e Robert (2009) reestruturaram a binariedade inicial e dividem em níveis as línguas pro-drop para obter-se uma nova classificação, na qual o português brasileiro atualmente se encaixa no *parcialmente* pro-drop, se distanciando das línguas românicas canonicamente pro-drop, como o inglês. Este fato ocorre por causa do afastamento¹ de traços próprios das línguas +sujeito nulo no português brasileiro, como a riqueza flexional morfológica, a qual está cada vez mais desaparecendo por causa da entrada de novos pronomes que não exigem a concordância marcada (você/a gente). Com isso, o português brasileiro tem progressivamente aumentado os sujeitos expressos e gerado consequências linguísticas decorrentes desse fenômeno em outras estruturas da nossa língua (encaixamentos linguísticos). Contudo, sabe-se que a complexidade regional e sociolinguística das variedades do português brasileiro é diversa e a implementação da mudança linguística para maior preenchimento do sujeito realiza-se em diferentes ritmos e níveis no Brasil.

Nesta pesquisa, a variedade do português estudado é o português falado na fronteira Brasil-Uruguai, mais especificamente na comunidade de Aceguá, onde uma parte fica no extremo sul do Rio Grande do Sul e a outra, no extremo norte do Uruguai. Em Aceguá, convivem duas variedades: o português brasileiro materno falado por monolíngues nascidos na parte do Brasil e o português uruguaio da região, o qual é falado como língua materna pelos uruguaio bilíngues da fronteira. A variável preenchimento do sujeito será investigada nesse contexto de contato linguístico com o objetivo de entendermos como funciona a variedade falada pelos moradores jovens (15-30 anos) de Aceguá e como se relaciona com as outras variedades do Brasil, tendo em vista que muitas vezes é a faixa etária com maior receptividade às mudanças e às variações linguísticas.

Este estudo demonstra-se relevante por causa do contato linguístico do português brasileiro e do espanhol entre os falantes, uma vez que o espanhol é caracterizado por ser uma língua pro-drop e o português brasileiro tem progressivamente perdendo os atributos pro-drop, logo. Como há situações prototípicas resultantes propriamente do contato linguístico (Pacheco, 2014), a implementação dos sujeitos expressos, no português de fronteira falado em Aceguá, seria diferente de outras regiões não fronteiriças e monolíngues, tendo em vista que haveria um *continuum* (Carvalho, 2022) de nível da implementação do preenchimento do sujeito que partiria da fronteira do Brasil até o português brasileiro urbano, no qual a implementação está mais avançada?

¹ Conforme Kato e Duarte (2014), o português brasileiro não se tornou uma língua de sujeito não nulo, uma vez que, por exemplo, apresenta características do francês (língua de sujeito não nulo) e do chinês (língua de sujeito nulo). Portanto, de acordo com eles, o português brasileiro é uma língua de sujeito nulo parcial, sem seguir uma tipologia uniforme.

Como base teórica, foram empregados os trabalhos de Pacheco (2014), que estuda a variável “a gente” e “nós” na mesma localidade e com mesmo *corpus*, Carvalho (2022; 2008), Duarte (1995; 1993; 2012) e Tarallo (1987), os quais abordam a convergência linguística e o português uruguaio fronteiriço, a categoria do sujeito e como relacioná-la ou distanciá-la a línguas +sujeito nulo, respectivamente. O *corpus* utilizado trata-se de entrevistas feitas entre 2009 e 2011 por Pacheco (2014) na cidade de Aceguá e, nesta monografia, foram utilizadas 4 entrevistas com 5 colaboradores homens e mulheres entre 15-30 anos de Aceguá.

Para suporte metodológico, utilizamos a Sociolinguística Paramétrica (Tarallo, 1987), a Variacionista de Labov (2008) e a de mudança linguística de Weinreich, Labov e Herzog (2006). Já o suporte quantitativo usado foi o programa de análise sociolinguística Goldvarb X de Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), a fim de compreender os 1.127 dados.

A hipótese geral desta monografia é de que o progressivo aumento de sujeitos expressos na comunidade de Aceguá entre os jovens de 15-30 anos se daria de forma mais lenta do que outras variedades do português brasileiro urbano, uma vez que o nível de ruralidade da região é maior e o contato linguístico com o espanhol (língua canonicamente pro-drop) é histórico. Esse local de fronteira seria o começo de um *continuum* da variável (Carvalho, 2022) que estaria mais avançada em algumas realidades sociolinguísticas do que em outras.

A seção 1 decorrerá acerca da teoria da variacionista e a seção 2, acerca do conceito da gerativa de línguas pro-drop. Finalizando a parte teórica, a seção 3 apresentará a sociolinguística paramétrica, o modo como o português brasileiro vem perdendo traços de línguas + sujeito nulo e a forma que o sujeito no espanhol funciona predominantemente, a fim de entendermos como o contato linguístico entre o português e o espanhol pode influenciar a variedade fronteiriça de Aceguá. A seção 4 nos explica o contexto histórico da fronteira Brasil-Uruguaio, de Aceguá e a variedade falada pela comunidade.

Na parte metodológica, tem-se a seção 5, a qual discorre acerca da metodologia, da amostra e do grupo e seleção dos fatores. Em seguida, mostramos os resultados da pesquisa e sua análise, pois a seção 6 expõe o resultado geral das variáveis dependentes, a seção 7 apresenta os resultados das variáveis sociais, a seção 8, das variáveis linguística e por fim as considerações finais.

1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em 1964, foi cunhado o termo sociolinguística e, em 1966, os trabalhos apresentados no congresso receberam o título de “Sociolinguistics”. Tudo isso foi incentivado pelo trabalho de Labov acerca do Black English Vernacular (BEV) e pela pesquisa na ilha de Martha’s Vineyard, na qual foi feita a relação entre os fatores sociais e a variação fonética do inglês, tendo em vista que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ é um traço linguístico e social da ilha, pois ela indica a identidade de pertencimento e atitude positiva em relação à ilha (Labov, 2008 *apud* Pacheco, 2014). Com isso, em Labov (2008), apresenta-se um modelo de descrição e interpretação focada na língua em uso dentro da comunidade de fala, dando origem à Sociolinguística da Variação. No mesmo livro, o autor ainda questiona o termo “sociolinguística”, já que ela pode ser interpretada como sendo separada da “linguística” mesmo que, segundo Labov, a língua seja intrinsecamente social e usada por seres humanos num determinado contexto social para expressar suas ideias e necessidades, não sendo possível contemplar uma prática linguística não social (Labov, 2008, p. 215).

Além dessa obra, Weinreich, Labov e Herzog (2006), no seu livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, estabelecem princípios de variação e mudança das línguas e apresentam os principais conceitos da sociolinguística variacionista. Nos livros, os autores contrapõem alguns aspectos do Estruturalismo de Saussure e do Gerativismo de Chomsky, duas das principais teorias linguísticas vigentes na época. A seguir são apresentados alguns dos principais conceitos estruturalistas e gerativistas juntos às críticas da sociolinguística variacionista:

- 1) *Langue e parole*² (o paradoxo estruturalista): conforme Saussure, a *langue* (objeto de estudo do estruturalismo) é um sistema de signos homogêneo e social (não individual) depositado pela fala no cérebro dos indivíduos, mais ou menos como um dicionário idêntico compartilhado por todos (Saussure, 2006); já *parole* é a concretização individual da *langue*, sendo heterogênea, momentânea, acidental, acessória e não sistematizada. Entretanto, Labov (2008) contrapõe essa ideia no sentido de que, se todo indivíduo possui a estrutura da língua no cérebro, ou seja, a *langue*, apenas 1 pessoa seria o suficiente para obter dados sociais de uma língua como o todo, inclusive de si mesmo. Por outro lado, é apenas possível estudar a *parole* por meio de indivíduos em interações linguísticas, ou seja, em interações sociais, o que constrói um paradoxo, pois a *langue*, que deveria ser social, poderia ser estudada com apenas 1 pessoa e a *parole*, que deveria ser um fenômeno individual, é visto apenas socialmente.

² Conceito depois reafirmado por Chomsky com os termos “competência” e “desempenho”, em que o estudado deve ser a “competência”, ou seja, sistema abstrato e homogêneo da língua desvinculada ao social.

- 2) Diacronia e sincronia: enquanto Saussure defendia uma maior separação entre diacronia (mudança linguística de estados independentes entre si ao longo do tempo) e sincronia (língua vista como um sistema estável num determinado ponto do tempo aparentemente fixo), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008) defendiam que essa separação impede a consideração de fatores sociais agentes na língua, a incorporação da mudança ao seu sistema e a visão de que a língua é um objeto histórico, logo as forças que produziram mudança no passado ainda são operantes em nossa realidade.
- 3) Sistema linguístico abstrato homogêneo: tanto no estruturalismo como no gerativismo, foi defendido o estudo de um sistema linguístico abstrato e homogêneo sem relação com o social. Um dos principais alicerces do estudo variacionista é que a língua é considerada heterogênea com variações sistemáticas, as quais devem ser estudadas em relação com sociedade e com o estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Com isso, a variação é inerente à comunidade de fala, é regular e estruturada no sistema, tendo em vista que o falante tem a competência linguística para lidar com essas regras variáveis (Coelho *et al.*, 2010).

Todavia, se faz necessário expressar que Labov reconhece também a contribuição dessas teorias para a análise linguística ao afirmar que esses métodos não devem ser abandonados e que qualquer um que deseje fazer uma análise linguística deve levar em conta os dois primeiros procedimentos, mas, ao trazer uma proposta empírica com a análise direta da língua em seu uso social com um montante de dados, torna-se possível provar as hipóteses (Labov, 2008), até então apenas feitas de modo intuitivo, ter um novo olhar acerca da língua, entre outros.

Considerando que “as estruturas variáveis contidas nas línguas são determinadas por funções sociais” (Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p. 126), os autores formularam cinco questões principais e fundamentos empíricos a serem respondidos ao efetuar uma investigação acerca da variação e/ou mudança linguística (Weinreich, Labov e Herzog, 2006):

- problema de restrição ou fatores condicionantes;
- problema de encaixamento;
- problema de transição;
- problema de avaliação; e
- problema de implementação (ou atuação).

Por fim, essas questões serão abordadas no presente texto, a fim de que a variação de preenchimento do sujeito dos jovens na comunidade de Aceguá seja melhor compreendida e estudada, porque se trata de um fenômeno variável e de certa forma complexo pela maneira que a sociedade é agrupada.

2 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS NA TEORIA GERATIVA

Em torno dos anos 1980, Chomsky e a teoria gerativa propôs o conceito chamado *Princípios e Parâmetros*, o qual será aqui apresentado tendo como base principal Chomsky (1981) e Kenedy (2008; 2013). Para entender melhor, é necessário compreender o conceito de Gramática Universal (GU), uma teoria que busca explicar a universalidade de certas características linguísticas nas línguas e as suas possíveis variações. A GU é um conjunto de propriedades gramaticais presentes em toda língua natural e é o estado inicial da aquisição da linguagem do falante, pois, segundo Chomsky, todos ao nascer, exceto em casos de problemas de aquisição biológica, possuem um dispositivo biológico inato no cérebro que é responsável pela aquisição linguística “destinada a construir a competência linguística do falante” (Kenedy, 2008, p. 129) chamada de Faculdade da Linguagem. Esta é composta pela GU (as propriedades universais das línguas), pois está sem nenhuma configuração de língua específica, inicialmente. Com isso, Chomsky explica que todas as línguas particulares partem de um mesmo estágio inicial, estágio esse que estabelece a estrutura linguística interna e as características comuns a todas as línguas, o que permite o falante ter a base necessária para desenvolver a língua que está na sua realidade sociolinguística. Kenedy (2013) didaticamente explica como a aquisição linguística se dá, segundo a teoria gerativa, conforme a seguir descrito.

- 1) Língua-E: é qualquer uma das línguas existentes no mundo ou a língua em uso em que o falante está exposto (português, inglês, árabe etc.). Ela é utilizada para estimular a GU e desenvolver o conhecimento linguístico na mente do indivíduo.
- 2) Há estágios intermediários em que o conhecimento de uma língua em específico está sendo construído e estabilizado pelo falante pela exposição à língua ambiente.
- 3) Língua-I: é o último estágio em que o conhecimento e aquisição da língua específica já está estável e constituído e a GU está formatada numa gramática em especial (inglês, chinês, francês etc.), com futuras alterações apenas superficiais, como itens lexicais.

Assim como Chomsky (1981) aponta, a GU tem duas condições as quais deve contemplar: i) ser compatível com as mais diversas gramáticas possíveis das línguas; e ii) ser suficientemente restritiva/restrita nas opções que permite, para que dê conta da variação linguística inter-sistêmica e de como cada uma dessas gramáticas se desenvolve na mente com base em evidências limitadas, dando origem a sua língua materna. Como isso seria possível?

Para isso, temos de um lado os Princípios, que são as estruturas linguísticas universais e compartilhadas por todas as línguas, e por outro lado os Parâmetros, que são as variações linguísticas possíveis entre elas. Para melhor exemplificar, existe o Princípio de Sujeitos, ou seja, espera-se que toda língua componha suas frases com sujeitos e sua articulação com o predicado. Entretanto, em algumas línguas, a expressão sintática do sujeito é nula e em outras é obrigatoriamente plena (Vargas, 2012) e, como sua expressão se dá de maneira variada, nomeia-se essa variação de Parâmetro de Sujeito Nulo, conceito que será melhor explicado na próxima subseção. A GU é constituída pelos

Princípios, como já dito, que são propriedades gramaticais universais e comuns em todas as línguas e, após a exposição à língua-E e a possibilidade do falante colher dados do ambiente e estabelecer a gramática da sua língua materna, incorporam-se os Parâmetros, que são as características próprias de cada língua. Tarallo (1987, p. 5), na interessante tentativa de conceituar os parâmetros com base no modelo chomskyano, diz que os “parâmetros poderiam ser definidos como conjuntos de propriedades delimitadoras e diferenciadoras de sistemas linguísticos diversos”. Além disso vale ressaltar que os parâmetros têm valores e marcação binária, ou seja, positivo (+) ou negativo (-), o que dependerá da característica da língua para determinado parâmetro. No caso do Parâmetro do Sujeito Nulo, uma língua que licencia majoritariamente a ausência do sujeito na sua estrutura sintática, como o espanhol, será marcada positivamente como [+sujeito nulo], ou, caso a construção sintática tenha obrigatoriamente sujeitos plenos, como o inglês, é indicada negativamente como [-sujeito nulo].

2.1 Parâmetro de sujeito nulo

Chomsky (1981), tendo como base Taraldsen (1978), formula o Parâmetro Pro-Drop baseado no Parâmetro do Sujeito Nulo, no qual as línguas podem ser configuradas de duas formas: i) [+pro-drop], isto é, permitem predominantemente a realização obrigatória do sujeito nulo; ou ii) [-pro-drop], ou seja, bloqueiam o sujeito nulo nas estruturas sintáticas. Esse parâmetro diz respeito a feixes de propriedades sintáticas que apontam para a caracterização de uma língua que autoriza a realização de sujeitos nulos ou não. Chomsky exemplifica com o italiano, em que há sujeitos nulos em configurações não marcadas, realizando-se positivamente como uma língua [+pro-drop]; e com o inglês e o francês, que exigem a presença obrigatória do sujeito pleno na mesma configuração, logo são marcadas negativamente para esse parâmetro [-pro-drop].

Segundo Chomsky (1981), esse parâmetro envolve mais precisamente o elemento de concordância, uma vez que o sujeito pode ser excluído desde que seja recuperável. Nas línguas [+pro-drop], existe um sistema flexional rico, em que a concordância permite saber o sujeito ocultado, enquanto nas [-pro-drop] o sistema flexional é mais “pobre”, o que impossibilita esse exercício. Entretanto, ele também reconhece o fato de que uma língua pode ter um sistema misto que permite o sujeito nulo em algumas construções e em outras não, propriedade que é esperada de se encontrar variando conforme a concordância é ou não marcada.³ A ideia é que há uma propriedade abstrata da concordância ligada mais ou menos à marcação morfológica que diferencia de forma não necessariamente exata as línguas [+pro-dro] ou [-pro-drop] (Chomsky, 1981, p. 241). A seguir são

³ No livro de Chomsky (1981), ele aponta os exemplos desse caso conforme Taraldsen, por exemplo, no iraniano e no hebraico.

apresentadas algumas propriedades das possíveis características apenas nas línguas [+pro-drop] de acordo com o autor:

- sujeitos nulos pronominais;
- livre inversão do sujeito;
- movimento wh “longo” do sujeito.
- pronome lembrete nulo em orações encaixadas (subordinadas)
- aparente violação do filtro “that - trace”.

Com isso, é possível classificar as línguas conforme suas estruturas sintáticas, permitindo um embasamento e aprofundamento maior acerca das línguas ao redor do mundo. Alguns autores, como Holmberg e Robert (2009), já se aprofundaram acerca do tema ao propor uma divisão em níveis nas línguas [+pro-drop], tendo em vista que, com o estudo do assunto, as propriedades do sujeito nulo são determinadas por fatores mais complexos que não podem ser capturados por uma simples binariedade nas opções (Veríssimo, 2017, p. 80), como os fatores presentes nas línguas crioulas, no chinês, no português brasileiro e nas mais diversas línguas. Chomsky, como dito, já falou a respeito da existência de sistemas mistos e Holmberg e Robert (2009) propõem os seguintes tipos, a fim de que a classificação de sujeito nulo consiga abarcar uma ampla variedade de combinações possíveis para línguas com marcações positivas para pro-drop: i) Línguas canonicamente ou consistentemente pro-drop ; ii) Línguas parcialmente pro-drop; iii) Línguas radicalmente pro-drop; iv) Línguas de expletivos nulos (Veríssimo, 2017). O português brasileiro, se encaixa, segundo Veríssimo (2017), na categoria de língua parcialmente pro-drop, pois perdeu a propriedade da riqueza de morfologia flexional pelo enfraquecimento da concordância e “convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características pro-drop, e um sistema em desenvolvimento, em que a ‘riqueza funcional’ perdida já não permite a identificação de pro” (Duarte, 1995, p. 141), o que, na subseção 3.1 será melhor definido e exemplificado.

3 A SOCIOLINGUÍSTICA PARAMÉTRICA

Tarallo (1987), em seu texto *Por uma sociolinguística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe*, analisa estudos variacionistas fonológicos e sintáticos das línguas românicas ocidentais baseados na teoria de variação e mudança linguística para extrair generalizações formais a partir dos resultados empíricos das pesquisas à luz da teoria de princípios e parâmetros, isto é, como o autor intitula, de uma leitura “parametrizada”, buscando demonstrar a compatibilidade da análise laboviana com o quadro teórico de Chomsky. Ao unir esses aspectos teóricos, o autor admite que elas são “contrárias, no entanto, se justificam, se explicam e se completam” (Tarallo, 1987), pois se trata de enfatizar a complementaridade entre os modelos naquilo que for possível.

No artigo, por exemplo, nas variáveis sintáticas, o autor compara as propriedades do francês (língua -pro-drop), do espanhol e do português brasileiro (línguas definidas como +pro-drop). Observa-se que, em uma das propriedades das línguas [+pro-drop] estabelecidas pela teoria *Princípios e Parâmetros* de Chomsky, isto é, a inversão livre do sujeito, não se trata exatamente de uma inversão “livre” e sim de uma inversão condicionada a certos fatores que recorrem, de alguma forma, nos três sistemas, chegando a pensar até num realinhamento e redefinição das propriedades associadas aos parâmetros. Porém, o autor afirma, na conclusão, que, se as propriedades de uma língua [+pro-drop] interagem entre si, ainda há diferenças entre o francês (sujeito nulo proibido), o espanhol e o português (permitem o sujeito fonologicamente não expresso) e ainda, caso

o francês vier a se "pro-dropizar", os mesmos fatores que regem, por exemplo, a posposição do sujeito em espanhol e em português, muito provavelmente regerão a mesma variável no sistema francês. Igualmente, se o espanhol e o português vierem a se "despro-dropizar", muito provavelmente a transitividade do verbo, a presença de um *declencheur*, o peso do sintagma nominal sujeito, e a presença de um complementizador serão os últimos ambientes a ativar tal processo de mudança: ou seja, muito provavelmente, tais ambientes colocarão em dúvida, uma vez definitivamente implementada a mudança, a natureza não pro-drop dessas línguas (Tarallo, 1987, p. 75).

Uma leitura parametrizada permite a configuração de parâmetros e de princípios mais gerais por meio do exame de dados empíricos, além de, com uma base de teoria linguística, identificar novas variações dentro do sistema que ocorrem de forma não acidental e relacionar ao efeito da mudança, “mostrando o que deu origem às suas hipóteses, de onde vieram seus grupos de fatores, como é o curso da mudança, que evidências do ‘encaixamento’ da mudança aparecem no sistema” (Duarte Reis, 2022, p. 1863). A descrição de comportamento de uma língua é capaz de nos fazer entender o comportamento de um grupo, como por exemplo de línguas [+pro-drop], e, a partir disso, ver o caminho que um sistema do mesmo grupo faz quando tem “traços que se afastam do conjunto de propriedades que caracterizam tal marcação paramétrica, que é o caso do PB [Português Brasileiro]” (Duarte e Reis, 2022, p. 1864).

3.1 Distanciamento do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro e Parâmetro do Sujeito Nulo no espanhol

Em textos como o de Kenedy (2013), o português brasileiro (PB) é classificado como uma língua [+pro-drop], mas o autor não apresenta as atuais tendências do preenchimento do sujeito que já diferenciam o PB de línguas pro-drop canônicas, conforme pesquisas de Duarte (1993; 1995; 2012), as quais mostram, com uma análise paramétrica, o distanciamento do fenômeno “Evite Pronome” no PB. Diferem-se no sentido de que o sujeito nulo nas línguas [+pro-drop] é uma obrigação e é opcional apenas quando a interpretação fica comprometida (diferentemente do PB, em que o sujeito nulo não é uma obrigação e sim uma opção cada vez menos frequente). Além disso, a complementaridade entre sujeito nulo e pleno presente nas línguas [+pro-drop], como o espanhol e o italiano, não está presente no PB, porque há uma preferência pelo sujeito pleno cada vez maior e tal preferência não prejudica a aceitabilidade da sentença, ou seja, não há estigma, aproximando das línguas [-pro-drop] (Duarte, 1995). Como e por que isso aconteceu?

Em Duarte (1993), a autora utiliza amostras de peças de teatro escritas no Rio de Janeiro, ao longo de dois séculos, para confirmar e demonstrar sua hipótese do crescente afastamento do sujeito nulo como uma opção mais frequente e natural no nosso sistema. A origem da mudança no sentido do preenchimento do sujeito seria causada pela inserção do pronome de 2^o pessoa do singular “você” em competição com “tu” e do pronome de 1^o pessoa do plural “a gente” em competição com “nós”, causando uma redução no paradigma verbal e flexional do PB, pois “você” e “a gente” caracterizam-se pela falta de desinência distintiva e pelo apagamento de certas desinências (Duarte, 2012). Para melhor exemplificar, observa-se o caso da 2^o pessoa do singular, em que a desinência “s” (Tu falas/Você falaØ⁴) é apagada, o caso da 1^o pessoa plural, em que a desinência “mos” (Nós falamos/A gente falaØ) é retirada e ainda, em certas variedades e contextos, o caso da 2^o e 3^o pessoa do plural, a desinência “m” (Vocês falaØ/ Eles falaØ) é apagada. Com esses exemplos, pode-se observar o distanciamento de uma característica das línguas pro-drop apontadas em Chomsky (1981), que é a riqueza do sistema flexional.

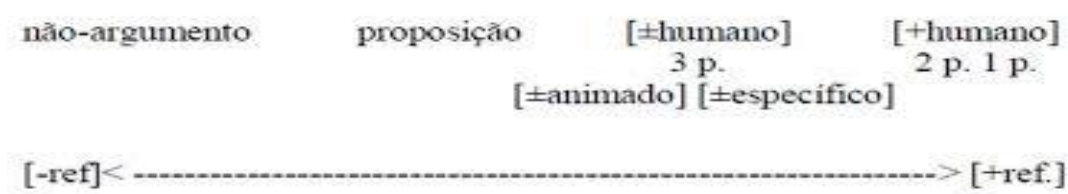
De acordo com a análise de Duarte (1993), de 1833-1920, é possível observar o comportamento prototípico de uma língua pro-drop, uma vez que o sujeito expresso tem baixos índices tanto na 1^o, 2^o ou 3^o pessoa. Entretanto, a partir de 1930, o pronome de 2^o pessoa “tu” deixa de ser o mais usado e “você” passa a se destacar com índices de sujeito expresso em até 80%, o que não indica que “tu” deixa de ser usado, pois aparece também em variação com “você”, contudo agora ambos com verbos com desinência zero. Já na 1^o pessoa, vemos que, principalmente após 1975, o sujeito expresso se manifesta mais com índices de até 82%, coincidindo com a entrada de “a gente”

⁴ O símbolo Ø foi utilizado com o significado de espaço vazio e ausência de elementos como desinências e sujeitos pronominais.

na língua e, na 3^o pessoa, é visto que, apesar de aumentar os índices ao longo dos períodos (...41%, 48% e 45%), a mudança é feita mais lentamente, com destaque para os de traço semântico [+humano/+específico], que favorecem a implementação da mudança, enquanto os de traço [-humano/-específico] desfavorecem a mudança. Além disso, a distância do antecedente e a função distinta de sujeito constituem também contextos que favoravelmente influenciam o preenchimento do sujeito. (Duarte, 2012).

Com isso, comprova-se a hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000), com a qual, segundo Duarte (2012, p. 12), “foi possível concluir que eram ambos guiados [sujeito pleno e objeto nulo] pela mesma hierarquia de referencialidade”, sendo que o objeto nulo implementou-se primeiramente a partir dos antecedentes com menor referencialidade e o sujeito pleno a partir dos antecedentes com maior referencialidade.

Figura 1: Hierarquia de referencialidade



Fonte: Cyrino, Duarte e Kato (2000).

Na Figura 1, pode-se observar que os mais referenciais são os de 1^o e 2^o pessoa por terem inerentemente o traço [+humano/+específico], seguidos da 3^o pessoa, pois pode alternar entre os traços [+humano] e [+/- específico], e, por último, os sujeitos não argumentais⁵ que são mais resistentes a ter um sujeito exposto composto por um expletivo lexical (Silva, 2006). Logo, essa hierarquia explica o sentido da mudança do preenchimento do sujeito no PB, começando com maiores percentuais na 1^o e 2^o pessoa, indo em direção à 3^o pessoa mais lentamente até as estratégias de preenchimento do sujeito não argumental.

Em contraste com o PB, o espanhol é considerado uma língua [+pro-drop] canônica ou consistente segundo a classificação já mencionada na seção 1 de Holmberg e Roberts (2009), uma vez que o espanhol se caracteriza por todas as pessoas, em todos os tempos, poderem ter um pronome não exposto, salvo em formas impessoais, devido a sua riqueza flexional. Silva (2006), baseado

⁵ Conforme Duarte (2007), os sujeitos não argumentais são chamados sem referência por não terem conteúdo semântico e, na gramática tradicional, são característicos das “orações sem sujeito”. O português os representa de forma não expressa, tal como o espanhol e o italiano, mas outras línguas, como o francês e o inglês, “preenchem a posição com um pronome sem conteúdo semântico (sem referência), a que a teoria linguística se refere como sujeito expletivo” (Duarte, 2007, p. 16). De acordo com a autora, a hipótese é de que há, à esquerda desses verbos, em português, espanhol e italiano, um expletivo não exposto.

principalmente em Fernández (1999), aponta para a exigência da omissão do sujeito no espanhol e a permissão em casos especiais apenas, como análises mostram. Veja o exemplo a seguir dos verbos pessoais no presente do indicativo que contém em sua flexão seu sujeito (Silva, 2006, p. 43):

- (1) ____ Trabajo de nueve a cinco todos los días.
- (2) ____ Trabajas de nueve a cinco todos los días.
- (3) ____ TrabajaØ de nueve a cinco todos los días.
- (4) ____ Trabajamos de nueve a cinco todos los días.
- (5) ____ Trabajáis de nueve a cinco todos los días.
- (6) ____ Trabajan de nueve a cinco todos los días.

Além disso, todos os pronomes se referem a pessoas, isto é, não há um pronome específico para a retomada de referentes não animados, podendo permanecer como sujeito nulo. Com isso, no espanhol pode-se ter o apagamento do sujeito – majoritariamente presente – ou preenchimento, como nos dois casos em que a expressão da posição do sujeito é obrigatória:

- 1) sujeito como foco oracional e com acento contrastivo que não pode recair sobre um elemento sem conteúdo fonético (Rizzi, 1988, p. 15 *apud* Silva, 2006). Exemplo:
– ¿Quién ha sido? – He sido yo./* ____ He sido.
- 2) pronome associado a um elemento adjetival ou apositivo. No caso do elemento apositivo, além dos sujeitos que se referem a pessoas, que têm preenchimento obrigatório, até o sujeito inanimado pode ser preenchido (Silva, 2006). Exemplos:
Tú, que tienes dinero/* ____, que tienes dinero, podrás venir.
Tú solo lo hiciste/* ____ Solo lo hiciste.
Tus **observaciones** son todas **ellas** falsas.

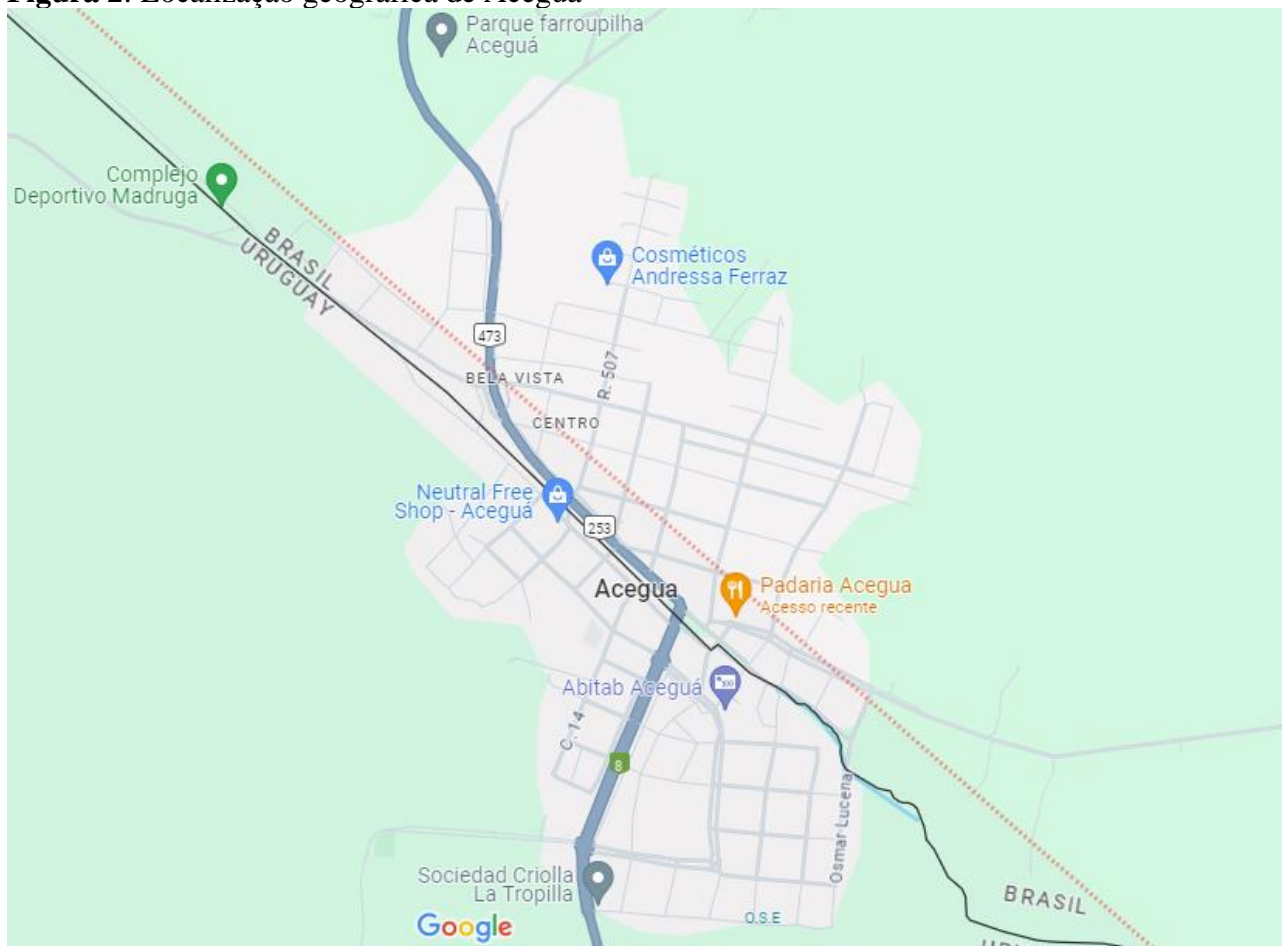
Vale ressaltar aqui que essa caracterização do espanhol pode ter algumas variações, como no espanhol falado em Santiago, onde o sujeito é majoritariamente expresso, principalmente com tu, por causa do debilitamento ou perda das consoantes finais nas desinências verbais (Alba, 1982 *apud* Silva, 2006) ou, como em outras variações, nas distintas variedades do espanhol Caribenho colombiano, onde se tem índices de preenchimento de até 45,6% em Barranquilla, Colômbia (Córdoba e Camacho, 2019). Contudo, ainda se percebe a proeminência superior e permanência do caráter pro-drop canônico no espanhol como um todo.

Considerando todas essas características tanto do espanhol quanto do português brasileiro, será interessante e relevante analisar como a comunidade fronteiriça de Aceguá, composta por brasileiros monolíngues em português e uruguaios bilíngues em espanhol e português, se comporta quanto ao preenchimento do sujeito, tendo em vista a influência mútua entre as comunidades.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI E DA REGIÃO DE ACEGUÁ

Tendo como base os textos de Pacheco (2020), Pacheco, Carvalho e Scherre (2024) e Carvalho (2022), principais artigos que contêm registros históricos e linguísticos da região de Aceguá, a fronteira Brasil-Uruguai será historicamente e linguisticamente apresentada. A comunidade de Aceguá é uma comunidade integrada com limite marcado por uma linha imaginária, pois não há limites físicos entre a parte do Rio Grande do Sul e a parte uruguiaia, o que contribui para o sentimento de pertencimento à comunidade fronteiriça, para a interrelação intensa e para o convívio pacífico e harmônico dos cidadãos de ambos os países (Pacheco, 2020). Além disso, é importante salientar que cerca de 80% dos municípios estão em zona rural e sustentam a maioria do PIB. Veja a localização na Figura 2 da região de Aceguá.

Figura 2: Localização geográfica de Aceguá



Fonte: Google maps.

A colonização da América foi marcada por contatos multiétnicos e multilinguísticos, entretanto foi mais marcada pelo conflito entre a Espanha e Portugal para dominar a maioria do continente, sendo necessário estabelecer o Tratado de Tordesilhas no século XV, em que Espanha ficou com o lado oeste do continente e Portugal ao leste – tratado este quebrado por ambos em vários

momentos em busca de riquezas e poder (Carvalho, 2022). Desde a descoberta do Rio da Prata, no Uruguai, as coroas portuguesa e espanhola, já no processo de colonização do continente americano, disputaram a região do Rio da Prata devido a interesses econômicos e políticos.

No caso da região de Aceguá, em sua maior parte, um território de ninguém, com apenas uma redução espanhola de Santo André de Guenoas em 1660, era também disputada pelos portugueses, pelos espanhóis e pelos indígenas que já habitavam a região antes da chegada dos colonizadores, principalmente pelos guaranis e pelos charruas, os quais demonstraram grande resistência contra as demarcações (Pacheco, 2020).

Em 1680, foi criada uma fundação portuguesa chamada Colônia do Sacramento com o objetivo de a coroa portuguesa avançar a linha do Tratado de Tordesilhas, mas tempo depois esta colônia passou para a Espanha novamente e depois foi sendo disputada indo de um para o outro. Os portugueses, principalmente motivados pelo seu interesse de “expandir” o limite feito entre eles e os espanhóis no Tratado de Tordesilhas, para conquistar o Rio da Prata (área também muito cobiçada pelos espanhóis e outras pátrias), se fez muito presente no aberto território ao longo do norte fronteiro do Uruguai, contribuindo fortemente para o fato de que a maioria da população era luso-falante rural e, ao longo do tempo, os brasileiros se fizeram maioria no território, o que favoreceu o bilinguismo local e o português como língua mais falada (Pacheco, 2020; Pacheco, Carvalho e Scherre, 2024).

Algumas tentativas de tratados foram feitas, como o Tratado de Madrid em 1750, que, entre outras concessões, deu ao Brasil a permissão de avançar para o Rio Grande do Sul, deixando assim uma “fronteira de contato”, além de que, mesmo após a independência do Uruguai em 1828, não houve um limite estabelecido no norte do país e nem entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, o que permitiu o contínuo contato entre o português e o espanhol no norte do país (Carvalho, 2022). Para a demarcação ocorrer, o Tratado de Limites, após a independência uruguaia em 1851, foi um importante começo a fim de que, por fim, em 1914, Uruguai e Brasil terminassem sua discussão acerca dos limites fronteiros e o estabelecesse (Pacheco, 2020).

Neste ponto já, a presença brasileira no território uruguaio em Aceguá já estava em alta por diversos fatores, ao contrário dos uruguaio, que iniciaram sua migração até o norte do Uruguai depois de 1832, uma vez que, de acordo com Carvalho (2022), em 1860, do total de 180.000 habitantes do Uruguai, 40.000 eram brasileiros que viviam ao norte do país. Por conta disso também, houve uma política linguística uruguaia entre 1877-1979 que impunha o monolinguismo espanhol em todo o território do Uruguai, sendo este valorizado e considerado a verdadeira identidade uruguaia e o português rejeitado (Carvalho, 2022). Junto a isso, essa política foi incrementada pela declaração mandatória sobre o ensino e o uso somente do espanhol nas escolas do país uruguaio (Carvalho,

2022). Logo, com o estabelecimento político do espanhol no norte, o português falado na fronteira teve influência do espanhol, formando a estratificação sociolinguística atual (Carvalho, 2022).

Apenas em 2008 a Lei Geral da Educação reconheceu o português como língua materna dos uruguaios, tendo em vista que, apesar da política monolíngue espanhola, o português sobreviveu sendo a primeira língua da maioria das comunidades do norte uruguaio. Com isso, percebe-se que é recente o reconhecimento político do bilinguismo da região, mesmo já historicamente presente no local, o que traz consequências até os dias atuais acerca da pouca visibilidade e aceitação do português na fronteira (Pacheco, 2020).

O documentário lançado em 2024, *Vozes das margens: um documentário sociolinguístico*, de Ana Maria de Carvalho (Carvalho, 2024), aponta e denuncia exatamente como “aqueles da fronteira” têm suas vozes diminuídas, pois o falar da fronteira é, até nos dias atuais, visto com “falta de cultura” e considerado como um “outro idioma”. Além disso, prestigia e homenageia a cultura do norte do Uruguai e do extremo sul brasileiro, explorando como a língua, o lugar e a sociedade estão interligados na experiência fronteiriça.

Nesse sentido, nos resta sempre fazer a pergunta: como se define esse português falado na fronteira pelos uruguaios bilíngues que têm o português como língua materna?

4.1 O português falado em Aceguá: o português uruguaio e o português brasileiro

O português falado em Aceguá é resultado de anos de colonização histórica da região, a qual possibilitou o bilinguismo dos moradores da comunidade, já que diariamente utilizam o português e o espanhol para se comunicar. Na região, há o português brasileiro falado pelos moradores da parte do Brasil, extremo sul do Rio Grande do Sul, monolíngues em português e o português uruguaio, variedade fala pelos uruguaios bilíngues em português e espanhol (Pacheco, Carvalho e Scherre, 2024).

O português uruguaio já teve diferentes definições ao longo do tempo, como dialeto misto ou fronterizo, que se aproximaria de um pidgin, interlecto, Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU) ou pré-pidgin e, provavelmente o mais conhecido, o portunhol, o qual se trata apenas de uma tentativa de comunicação temporária entre monolíngues, diferentemente do português uruguaio, que é uma variedade linguística falada como língua materna há muitos séculos e que tem sido construído por fatores culturais, históricos e identitários (Pacheco, 2014). A seguir, é possível observar como os próprios moradores de Aceguá, tanto brasileiros quanto uruguaios, definem sua língua:

1a: Entrevistado: Todo mundo fala. É **portunhol**, porque é misturado português com espanhol (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

1b: Entrevistador: E tua mãe fala em português?

Entrevistado: Fala, fala pouco, entreverado, um portunhol mais entreverado, porque em realidade **não falemos português, português é um portunhol** (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

1c: Entrevistada: É sim, aqui é mais um **portunhol**, uma coisa mais... (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

Diferentemente de outras tentativas de definições acerca do português materno falado pelos uruguaios, trata-se de uma *variedade do português brasileiro* caracterizada pela presença de empréstimos do espanhol e *code-switching* espanhol-português, além de que há um *continuum* dialetal que oscila entre português culto urbano e português não culto rural, pois existem ocorrências de variantes morfossintáticas e fonológicas e palavras mais arcaicas vindas do português rural, o que indica um “atraso” diacrônico de certas mudanças em relação com o português brasileiro - na área urbana, o português se assemelha mais ao PB urbano (Pacheco, Carvalho e Scherre, 2024). Em estudos como os de Pacheco (2014) e Carvalho (2008), é possível ver uma tendência urbanizadora do português uruguaio em direção ao português brasileiro urbano devido a sua maior receptividade, aceitabilidade e prestígio, o que pode ser visto por meio da incorporação de características linguísticas brasileiras, como o pronome de 1^o pessoa do plural “a gente”. Uma das causas é a presença da mídia brasileira na comunidade como um todo, cooperando para essa realidade.

2a: Entrevistador: E o pessoal aqui no Uruguai assiste mais a Globo?

Entrevistado: Ah sim, Globo. Te para a olhar e termina na Globo, em novela, e futebol, enfim.

Entrevistador: A Globo atraiu todo mundo né?

Entrevistado: Pá mim, me paro a mexer nesses canal, termino sempre na Globo.

Entrevistador: E Noblia, esses lugares mais pra dentro, também tem Globo?

Entrevistado: Tem Globo, tem o cable, esse tal de cable. (Homem uruguaio entre 15-30 anos)

É de fato importante salientar que o português uruguaio é apenas uma das variedades do português brasileiro e não uma língua diferente. Uma das “provas” de que se trata de uma variedade do português brasileiro é que diversos fenômenos variáveis do PU são também encontrado no português brasileiro, como por exemplo, a ausência da concordância ligada ao pronome “tu”, semelhantemente ao português gaúcho etc., portanto elas dialogam entre si e são semelhantes em vários aspectos (Pacheco, 2014). Tal reconhecimento linguístico como variedade do português brasileiro faz com que se tenha um maior reconhecimento político e social e maior importância ao fato de que o bilinguismo está presente na região, refletindo, assim, em políticas públicas bilíngues cada vez maiores, como a implementação de escolas bilíngues (Pacheco, 2014).

Portanto, tanto o português brasileiro quanto o português uruguaio apresentam características semelhantes entre si e os fenômenos são também comuns ao português falado no lado do Brasil em diferentes níveis, o que corrobora a necessidade de se pesquisar a comunidade como um todo e como dialogam linguisticamente entre si (Pacheco, 2013).

5 METODOLOGIA

5.1 Objetivos e hipótese

A proposta deste trabalho é identificar, à luz da sociolinguística paramétrica, do Princípio “Evite Pronome” e do português falado na região de Aceguá, como os uruguaios bilíngues em português e espanhol e os brasileiros monolíngues em português preenchem o sujeito no português falado, tendo em vista que, além de haver os fenômenos variáveis internos próprios do idioma presentes em dialetos monolíngues, há também variações prototípicas resultantes do contato linguístico (Pacheco, 2014). No caso de Aceguá, há o contato entre o português e o espanhol, ou seja, o português uruguaio falado nessa comunidade bilíngue uruguaia apresenta características próprias do contato linguístico, conforme explicado na seção anterior, assim como, em certa forma, o português brasileiro de Aceguá falado por brasileiros monolíngues também apresenta essa influência. Além disso, pretende-se identificar se há tendências urbanizadoras mais parecidas com o português brasileiro dependendo de alguns condicionantes a serem apresentados adiante e como se dá a variável do preenchimento do sujeito em Aceguá, pois o espanhol é caracterizado como uma língua pro-drop e o português vem cada vez mais apresentando tendências em direção ao maior preenchimento do sujeito e maior afastamento desse grupo de línguas (Duarte, 1995). Logo como a variação do português brasileiro da fronteira de Aceguá se comportaria?

Pretende-se melhor analisar, mesmo que brevemente, quais são os fatores condicionantes internos e externos dessa variação, o grau de correlação entre a estrutura linguística e a sociedade, como essa variação influencia o sistema linguístico abstrato e as outras partes da mesma gramática, a posição do português de Aceguá nesse processo de transição entre o preenchimento ou não, a atitude social perante esta variação e como e porque esta variação vai se implementando em certos contextos estruturais e sociais e outros não (Coelho *et al.*, 2010).

A hipótese deste trabalho é que, devido à maior influência da língua espanhola, a comunidade jovem (15-30 anos) de Aceguá, composta pelos uruguaios bilíngues que usam a variedade do português uruguaio e pelos brasileiros monolíngues que usam a variação do português brasileiro de Aceguá, tende a não preencher a posição de sujeito tanto quanto outras variedades do português brasileiro urbano, pois ainda está um pouco atrás do que elas nesse processo. Com isso, assume-se que a comunidade de Aceguá apresentaria maior ausência do sujeito e que a tendência urbanizadora parecida com o português brasileiro urbano estaria caminhando de maneira mais lenta, entretanto convergindo em direção à tendência já presente no português brasileiro, o que sugeriria um *continuum* socioletal desde a fronteira até o extremo norte do Brasil (Carvalho, 2022).

5.2 A amostra

Os 1.127 dados utilizados neste estudo foram extraídos das entrevistas feitas pela professora Cíntia Pacheco e utilizadas em sua tese (Pacheco, 2014). Consiste em gravações feitas entre 2009 e 2011 com moradores de Aceguá, divididos neste estudo por sexo e nacionalidade, sendo que a faixa etária analisada é a dos jovens entre 15-30 anos, a fim de estudar a implementação do Princípio “Evite Pronome” entre eles, faixa esta que é muitas vezes a mais favorável para implementação de mudanças e variações. Os colaboradores jovens são brasileiros ou uruguaios exatamente para avaliar como a nacionalidade influencia neste fenômeno. Um estudo da mudança em tempo aparente entre mais faixas etárias pode ser feito em um novo estudo.

Além disso, o fator escolaridade não foi incluído, pois a população local é formada por muitos moradores que possuem o ensino fundamental e médio majoritariamente, uma vez que o índice de analfabetismo é baixo e a instituição de ensino superior mais próxima fica a 60 km, ou seja, quem deseja realizar o ensino superior tem que sair da cidade (Pacheco, 2014).

Para esta monografia, foram coletadas 4 entrevistas para a análise das estruturas com sujeitos pronominais e, para o tratamento estatístico dessas entrevistas, utilizou-se o pacote de programas Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005), o qual é uma ferramenta de estudos sociolinguísticos. Com ele, é possível descrever padrões de variação entre formas alternativas de uso da língua com

cálculos de frequência, percentuais e pesos relativos associados a cada fator das variáveis independentes em relação à aplicação da regra, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de uma das variantes. Além disso, realiza a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem de relevância (Coelho *et al.*, 2010, p. 136).

Os colaboradores foram estratificados socialmente da seguinte forma:

Quadro 1: Estratificação dos colaboradores

Brasil	Uruguai
1 homem	1 homem
2 mulheres	1 mulher

Fonte: Elaboração da autora.

5.3 Os grupos e seleção de fatores

A variável dependente sujeito nulo *versus* sujeito preenchido foi estudada de acordo com as variáveis independentes:

Quadro 2: Variáveis independentes sociais

Variáveis sociais	
Sexo	Homem ou mulher
Nacionalidade	Brasileiro ou uruguaio

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 3: Variáveis independentes linguísticas

Variáveis linguísticas	
Padrão sentencial	<p>Padrão 1- o antecedente se encontra no mesmo período e é sujeito da oração precedente ou tópico (principal ou subordinada).</p> <p>Exemplo: O Edi amanhã vai tá no programa, porque <i>ele</i> faz um programa na rádio lá na colônia (Mulher brasileira entre 15-30 anos).</p> <p>Padrão 2- o antecedente se encontra no período adjacente e tem função de sujeito.</p> <p>Exemplo: Isso aqui conta a história um pouquinho? <i>Conta</i> a história do piquete (Mulher brasileira entre 15-30 anos).</p> <p>Padrão 3- o antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há orações entre eles.</p> <p>Exemplo: O padre ele é escocês, fala um espanhol misturado com escocês e meio português. Mas a gente entende. A gente já acostumou. Dá pra entender e ele fala muito rápido (Mulher brasileira entre 15-30 anos).</p> <p>Padrão 4- o antecedente exerce outra função sintática e está alocado no mesmo período, no período adjacente ou no período com orações intervenientes entre o antecedente e o pronome.</p> <p>Exemplo: Você já ouviu falar em corrupio?</p>

	Já, mas não é muito usado pra cá (Mulher brasileira entre 15-30 anos).
Pessoa do discurso	<p>1° pessoa do singular</p> <p>Exemplo: Eu acho que todo mundo aqui fala assim que nem a gente (Mulher brasileiro entre 15-30 anos)</p> <p>2° pessoa do singular</p> <p>Exemplo: É, no caso tu esquento o ferro. (Mulher brasileiro entre 15-30 anos)</p> <p>3° pessoa (singular e plural)</p> <p>Exemplo: Ele fala só espanhol. (Homem brasileiro entre 15-30 anos)</p> <p>1° pessoa do plural</p> <p>Exemplo: Nós trabalhamos é viajar (Homem uruguaio entre 15-30 anos)</p> <p>2° pessoa do plural</p> <p>Exemplo: Mas lá na cidade vocês não tem (Homem brasileiro entre 15-30 anos)</p>
Traço semântico	<p>[+humano/+animado]</p> <p>Exemplo: O fulano é v^{ie}io né. É v^{ie}io, deve ter trinta e três ou trinta e seis anos (homem uruguaio entre 15-30 anos).</p> <p>[-humano/+animado]</p> <p>Exemplo: Mas esses cavalos morriam de que, era cansaço? Era o que? Não, morriam por muito medicamento (homem uruguaio)</p> <p>[-humano/-animado]</p> <p>Exemplo: Ah, o secundário são seis anos? Entrevistado: São seis anos (mulher uruguaia entre 15-30 anos)</p>
Tipo de referência	<p>Específica</p> <p>Exemplo: Entrevistadas: Tem o Edinho. Ele é nascido aqui (mulher brasileira entre 15-30 anos).</p> <p>Genérica</p> <p>Exemplo: Sim, eu acho até um erro, porque ensinam português pras crianças que tem sete, oito anos, que recém tão aprendendo espanhol, que não sabem escrever (mulher uruguaia entre 15-30 anos).</p>

Fonte: Elaboração da autora.

A partir do parâmetro do sujeito nulo, as variáveis independentes presentes no Quadro 2 foram escolhidas tendo como base estudos como os de Duarte (1995), Duarte, Mourão e Santos (2012), Novaes (2022), entre outros estudos que procuram estudar o sujeito pronominal. Entre os dados excluídos da análise quantitativa, tem-se:

- 1) Orações coordenadas não iniciais com sujeito correferente: nestes casos, foi computada apenas a primeira posição do período coordenado. A segunda, terceira ou outras posições no período com sujeito correferencial não foram computadas, pois não é um contexto de sujeito nulo exclusivo das línguas +pro-drop, podendo enviesar os resultados (Duarte, 1995; Duarte, Mourão e Santos, 2012). Observe os exemplos em que apenas o grifado em negrito foi computado:

3a: **Tenho** pai brasileiro e mãe uruguaia, mas sou uruguaio (homem uruguaio entre 15-30 anos).

3b: Aí **eles** saem a cavalo, fazem todo um retorno assim, demoram três, quatro dias, e voltam (homem brasileiro entre 15-30 anos).

- 2) Verbo de ligação “ser”: é possível ter um sujeito nulo com valor dêitico, cujo referente é todo um contexto no discurso precedente. Esta categoria vazia nesses casos é preenchida lexicalmente com um demonstrativo ou uma expressão do tipo "trata-se de", e não com um pronome pessoal coindexado com um referente explícito (Duarte, 1995).

4a: Entrevistadas: É que aqui como a gente, eles dizem aqui. A gente não fala misturado é entreverado. Entreverado, só que a gente não fala... Tipo, aquele lá fala misturado... Aquele lá fala entreverado. **É** a mesma coisa (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

- 3) Uso contrastivo:

5a: Entrevistadas: Ela é a prenda juvenil e eu sou prenda adulta (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

5b: Entrevistado: Sim. Tudo o que sei aprendi, escutei, vi os outros falando, algumas palavras, que tipo, eles são, a gente aqui do Chicão, eles são de Iraí (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

- 4) Infinitivos impessoais (6a),⁶ imperativos com sujeito nulo categórico (7a) e construções clivadas (8a):

6a: Bom, **chamar** de bagual é **chamar** de grossa (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

7a: Ah sim, um time de véio, tem, o Forlan tem trinta e três. **Deixa** eu ver, o Soares é novo, tem os novo, mas tem os véio também (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

⁶ Os outros verbos no infinitivo que tinham um contexto referencial, em que era possível identificar o pronome, foram contabilizados. Exemplo: *Eles* vem embora até \emptyset chegar aqui (homem brasileiro entre 15-30 anos).

8a: Entrevistado: Sim, tudo. É tudo direitinho. Aqui, tipo, **nós que trabalhamo**, que semo uruguaio e que trabalhemo no Brasil (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

Vale ressaltar também o caso das orações relativas restritivas e não restritivas. Nestes tipos de orações, é possível ter um tipo de construção chamada de relativa resumptiva, copiadora ou com lembrete, em que há uma outra forma de anaforismo com o preenchimento da posição relativizada com um pronome anafórico.

9a: Tem um tio que **ele** mora no Rio de Janeiro.

9b: Você acredita que um dia teve uma mulher que **ela** queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone (Silva, 2018).

9c: Esses são os atletas que **eles** representarão o nosso país (Silva, 2018).

Quando há uma relativa copiadora na posição de sujeito, esta função, na oração encaixada, deveria ser o próprio pronome relativo (ex.: “que”). Entretanto, ao inserir o pronome pessoal na oração encaixada, o pronome pessoal toma a função sujeito (Silva, 2018).

No *corpus* analisado, a estratégia de relativização copiadora na posição de sujeito não foi encontrada para ser contabilizada como um dado de preenchimento pronominal, indicando que, apesar de que, em algumas variedades do português brasileiro urbano esta estratégia apareça, mesmo que dificilmente, ela não foi encontrada no *corpus* estudado do português fronteiriço de Aceguá. Com essa constatação, é possível verificar que o português brasileiro urbano está em desconformidade com a propriedade “pronome lembrete nulo em orações encaixadas” das línguas pro-drop, e o português fronteiriço de Aceguá, pelo menos quanto ao pronome lembrete em posição de sujeito, ainda não teve esse encaixamento linguístico em suas estruturas. Outras formas de relativização foram contabilizadas, como por exemplo:

10a: a minha prima que **eu** posso conseguir (mulher uruguaia entre 15-30 anos).

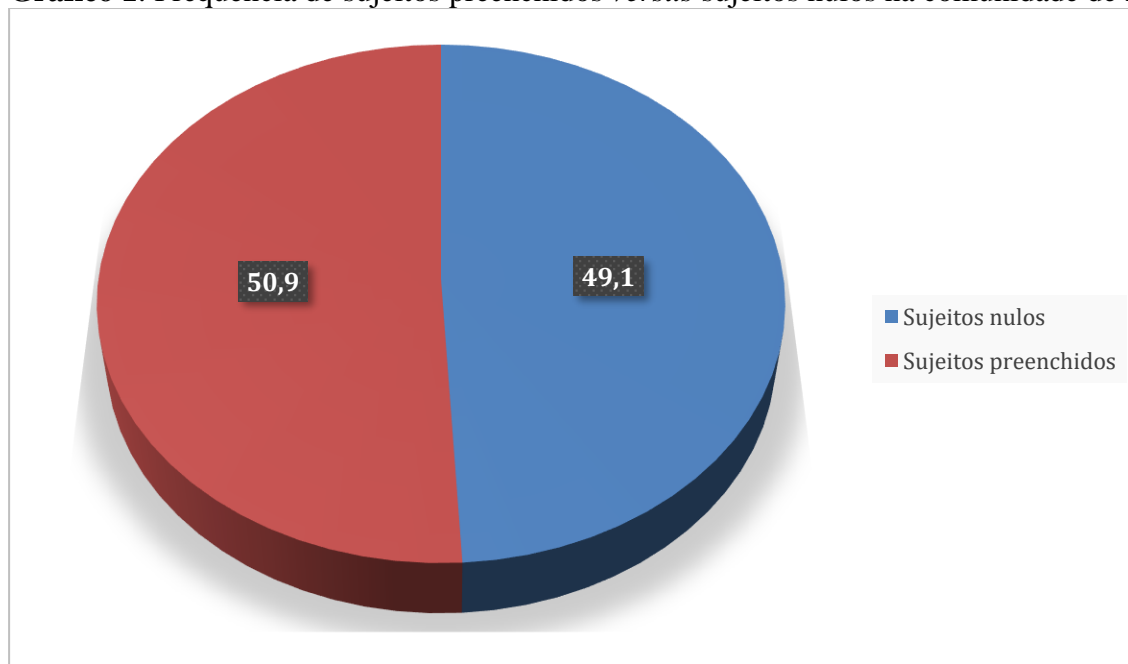
10b: (...) saem só com as bandeira, aí lá nesse lugar que **Ø vão**, prende a chama... (homem brasileiro entre 15-30 anos).

Com a metodologia esclarecida, cabe, nas próximas seções, apresentar os dados quantitativos para cada variável do estudo e analisar como cada uma influencia o preenchimento do sujeito no português de fronteira em Aceguá.

6 VARIÁVEL DEPENDENTE

No *corpus* estudado e anteriormente apresentado, no total geral, registram-se 50,9% (574/1.127) de sujeitos preenchidos e 49,1% (553/1.127) de sujeitos não preenchidos. Os dados são estudados em conjunto, pois é preciso entender a comunidade jovem de Aceguá como um todo, tendo em vista que é uma comunidade em que há uma identificação coletiva/comunitária. Além disso, o português é a língua compartilhada tanto pelos uruguaios quanto pelos brasileiros, o que faz com que se torne apropriado verificar como o português uruguaio e o português brasileiro de Aceguá explicitam ou não o sujeito.

Gráfico 1: Frequência de sujeitos preenchidos *versus* sujeitos nulos na comunidade de Aceguá



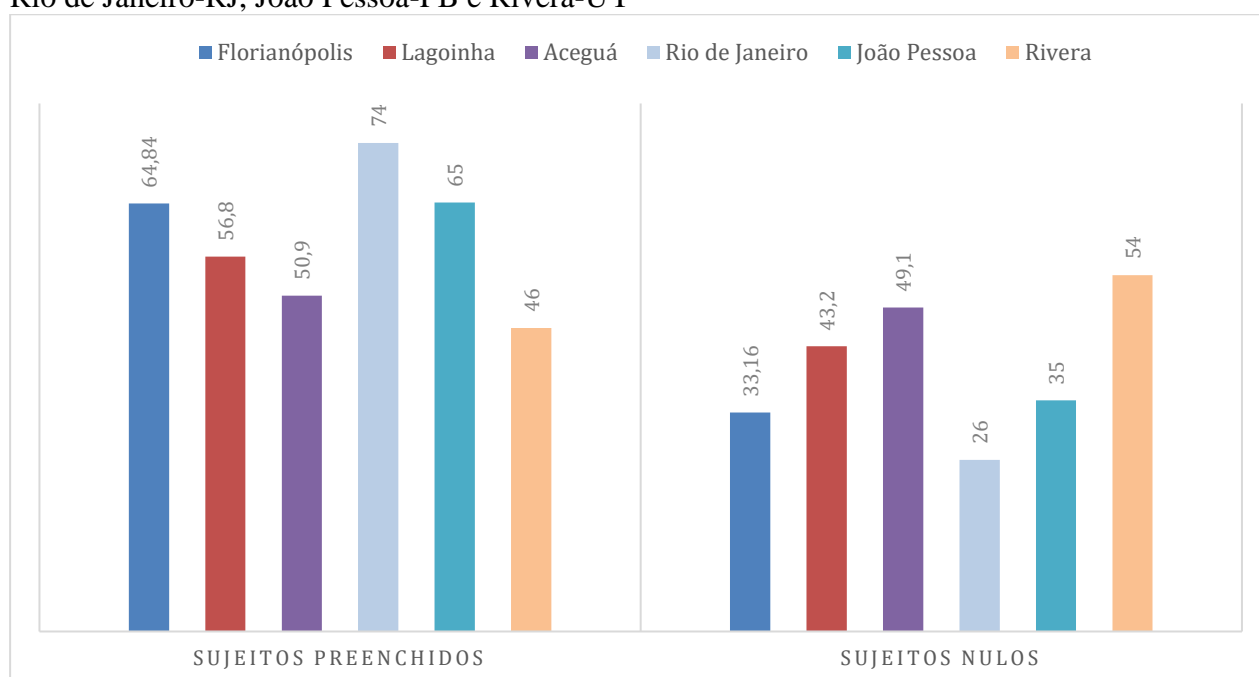
Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se, por meio do Gráfico 1, que os jovens de 15-30 anos de Aceguá realizaram 50,9% de sujeitos expressos em suas estruturas. No estudo de Duarte (1995, p. 60), a qual pesquisou a variedade do Rio de Janeiro em 1992, a autora demonstrou que, entre jovens de 25-32 anos, as mulheres realizaram 82% de sujeitos preenchidos e os homens, 73%. Tal evidência reforça a hipótese de que, devido a influência do espanhol e ao fato de que português uruguaio e o português brasileiro fronteiriço passaram por menos mudanças diacrônicas do que o português brasileiro urbano, a comunidade de Aceguá estaria em uma transição anterior em direção a maior construções com sujeito pleno e/ou até em uma possível estagnação na mudança pronominal que o presente no português brasileiro urbano já possui, formando-se assim um *continuum* socioletal brasileiro, convergindo para o português brasileiro urbano (Carvalho, 2022).

6.1 Realização do sujeito em Aceguá e em outras regiões

Afim de compreendermos como a comunidade de Aceguá se comporta quanto ao preenchimento do sujeito em relação a outras regiões do Brasil e da fronteira, realizou-se o Gráfico 2, no qual analisa-se a porcentagem de realização do sujeito em Florianópolis-SC até 30 anos (Vogt e Cardoso, 2014), Lagoinha-BA, de 25 a 35 anos (Novaes, 2022); Aceguá-RS/UY, de 15 a 30 anos (trabalho da autora); Rio de Janeiro-RJ, de 25 a 74 anos (Duarte, 1995); João Pessoa-PB, de 15 a 25 anos (Nunes, 2000) e Rivera-UY, de 15 a 70 anos (Carvalho e Besset, 2015).

Gráfico 2: Frequência de realização do sujeito em Florianópolis-SC, Lagoinha-BA, Aceguá-RS/UY, Rio de Janeiro-RJ, João Pessoa-PB e Rivera-UY



Fontes: Elaboração da autora

No Gráfico 2, observa-se que, em comparação com o preenchimento do sujeito na comunidade de Aceguá-RS/UY (50,9%), encontrou-se maior proximidade com o português uruguaio de Rivera-UY (46%), com o português afro-brasileiro da comunidade quilombola de Lagoinha-BA (56,8%), seguido de Florianópolis-SC (64,84%), João Pessoa-PB (65%) e Rio de Janeiro-RJ (74%).

Além disso, observamos que a variedade fronteiriça de Aceguá está convergindo para a maior realização fonética do sujeito com a ação dos mesmos condicionantes linguísticos regentes do português brasileiro urbano. Tais dados permitem demonstrar como há um *continuum* socioletal no Brasil (Carvalho, 2022) a depender de seu contexto sociolinguístico, como o nível de urbanização, contato linguístico, entre outros.

7 VARIÁVEIS SOCIAIS SELECIONADAS

7.1 Sexo

A variável sexo neste estudo foi selecionada pelo programa GoldVarb X e demonstrou-se relevante quanto à realização do sujeito na comunidade de Aceguá. Para fins de investigação, cabe reforçar que a variável dependente sujeito exposto *versus* sujeito nulo não é estigmatizada ou prestigiada em nenhuma comunidade brasileira.

Tabela 1: Efeito da variável sexo em relação ao preenchimento do sujeito

Variáveis	Fatores	Sujeitos preenchidos			
		Quantidade	%	Peso relativo	Range
Sexo	Homem	242/494	49	0.456	7,8
	Mulher	332/633	52,4	0.534	
	Total	574/1.127	50,9	-	

Significância: 0.024

Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisar a Tabela 1, pode-se observar que a **variável sexo** não apresenta tanta influência no preenchimento do sujeito quanto as outras variáveis, uma vez que é possível observar por meio do range de 7,8 e pela aproximação percentual em ambos os fatores da média geral de realização do sujeito (50,9%). O range identifica o nível de restrição da variável e, quanto menor o número, menor a restrição, ou seja, o sexo não acarreta em uma restrição tão alta quanto ao preenchimento do sujeito.

Entretanto, é admissível ler, através da comparação das porcentagens e dos pesos relativos entre os homens e as mulheres, que as mulheres estão levemente mais avançadas nesta inovação sintática, isto é, mais à frente no caminho para a tendência de não anulação do sujeito, pois sabe-se que essa variação não é estigmatizada e é menos marcada e, como Yacovenco e Scherre (2011) generalizam em seu estudo, as mulheres lideram mudanças em configurações menos marcadas e mais aceitas socialmente, generalização esta que corrobora os resultados desta pesquisa. Quanto às outras variáveis, elas serão analisadas nas subseções a seguir.

7.2 Nacionalidade

A nacionalidade é uma variável muito importante na pesquisa, pois existem duas realidades em Aceguá, na qual há os brasileiros monolíngues no português brasileiro e os uruguaios bilíngues em português e espanhol, ambas como línguas maternas na fronteira. Estes uruguaios utilizam a variedade do português uruguaio, o qual é marcado principalmente pela influência do espanhol. Com isso, supõe-se que os falantes do português uruguaio preencham menos o sujeito do que os brasileiros, já que o espanhol é uma língua [+sujeito nulo].

Tabela 2: Efeito da variável nacionalidade em relação ao preenchimento do sujeito

Variáveis	Fatores	Sujeitos preenchidos			
		Quantidade	%	Peso relativo	Range
Nacionalidade	Brasileiro	324/582	55,7	0.565	13,4
	Uruguaio	250/545	45,9	0.431	
	Total	574/1.127	50,9	-	

Significância: 0.024

Elaboração da autora.

A **variável nacionalidade** apresenta um range maior (13,4) e uma diferença entre os pesos relativos entre uruguaios (0.431) e brasileiros (0.565) maior do que 0.10,⁷ mostrando-se ser mais significativa e mais restritiva quanto ao fenômeno. Além disso, quanto à média das porcentagens gerais de 50,9% de sujeitos plenos, os uruguaios estão abaixo da média e os brasileiros acima dela. Os resultados confirmam que uruguaios bilíngues estão mais atrás no processo de preenchimento do sujeito no português uruguaio em comparação com o português brasileiro dos brasileiros monolíngues, tendo em vista o maior nível de influência do espanhol que os uruguaios possuem.

Se compararmos com resultados de Duarte (1995), que estudou o Rio de Janeiro em 1992, e de Nunes (2000), que investigou este fenômeno na capital João Pessoa, os resultados encontrados nesta pesquisa estão diferentes da variedade do português no Rio de Janeiro e em João Pessoa, por exemplo, no quesito de índices de sujeitos pronominais plenos, pois essas duas pesquisas exibem porcentagens de 70% ou mais. A pouca diferença entre os brasileiros e os uruguaios pode ser explicada pelo fato de que esta comunidade é entrelaçada socialmente e com uma identificação

⁷ Segundo Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 30), uma diferença entre dois pesos relativos de variáveis e de fatores a partir de 0.10 é considerada como significativa para estudo e análise.

própria e até mesmo o português brasileiro dos monolíngues brasileiros é influenciado pelo contato linguístico, não só o português uruguaio.

Ademais, conforme Carvalho e Bessett (2015), o português uruguaio em Rivera preenche o sujeito em 46%. Ao comparar com o resultado em Aceguá, é possível notar que a porcentagem de Aceguá (45,9%) é praticamente a mesma de Rivera (46%), indicando possivelmente uma semelhança linguística entre esses falantes da fronteira. Segundo Carvalho e Bessett (2015), Klausberger (2023) e Pacheco (2014), as cidades Rivera e Aceguá se destacam pelo fato de serem semelhantes quanto ao bilinguismo português-espanhol, presença do português uruguaio e por terem um convívio mútuo e singular apesar o limite territorial estabelecido. Entretanto, elas são divergentes, pois, por exemplo, Rivera, localizada ao norte do Uruguai, e Santana do Livramento, cidade ao extremo sul do Rio Grande do Sul, têm o maior centro urbano da díade Uruguai-Brasil com 155 mil habitantes, ao contrário de Aceguá, cidade predominantemente rural (Pacheco, 2014).

8 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS SELECIONADAS

8.1 A pessoa do discurso

Segundo a hierarquia de referencialidade, mencionada na Figura 1 (p. 16), os maiores pesos relativos deveriam se encontrar na 1º e 2º pessoa e o menor peso, na 3º pessoa. Consoante a isso, os sujeitos pronominais plenos começam a se implementar a partir dos itens mais referenciais (1º e 2º pessoa) e mais lentamente nos menos referenciais (3º pessoa), indo do [+humano] ao [-humano] (Duarte, 2012). Ademais, conforme detalharemos na subseção 8.2 (p. 41), a 3º pessoa do singular e 3º pessoa do plural foram amalgamadas, pois apresentaram percentuais muito semelhantes e apresentam a mesma natureza sintática de 3º pessoa, o que levou à necessidade de amalgamação (Guy e Zilles, 2007, p. 197). Com isso, a Tabela 3 revela como a pessoa verbal/pessoa do discurso influencia a realização do sujeito expresso. Vejamos:

Tabela 3: Efeito da variável pessoa do discurso em relação ao preenchimento do sujeito

Variáveis	Fatores	Sujeitos preenchidos			
		Quantidade	%	Peso relativo	Range
Pessoa do discurso	1º pessoa sing.	190/287	66,2	0.657	32,3
	2º pessoa sing.	89/129	69	0.667	
	3º pessoa (singular e plural)	189/545	34,7	0.344	
	1º pessoa plural	85/138	61,6	0.603	
	2º pessoa plural	21/28	75	0.667	
	Total	574/1.127	50,9	-	

Significância = 0.024

Fonte: Elaboração da autora.

De acordo com a Tabela 3, a pessoa do discurso teve o range de 32,3, demonstrando maior influência do que as variáveis sociais quanto a nossa variável dependente. A ordem decrescente dos fatores é 2º pessoa do singular e do plural (0.667), 1º pessoa do singular (0.657), 1º pessoa do plural (0.603) e, por último, a 3º pessoa do singular e plural (0.344). Os exemplos:

11a: **Eu** salvei aqui com o nome do PTG (...) ai **Ø botei** Aceguá pra vocês saberem (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

11b: Esse é o meu. **Ø Pode** levar esse aqui se **você** quiser, tem outras copias aqui também (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Tu pode acessar a faculdade já (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

Sim, **tens** que vender, **tens** que aceitar a baboseada tudo, porque aí... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

11c: Na frente da praça Caco Blanco. Olha ali **ele** foi acender a chama oh. Deixa **eu** ver se tem mais algum aqui dentro (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Ø Acho que a Globo chega em todo, tendo cable parabólica **Ø chega** em todo o país (Homem uruguaio entre 15-30 anos)

11d: **Nós** somo uns dezoito ou dezenove netos. Nove filhos. **Ø Samo** bem grande (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

Não. Aqui **a gente** não maltrata os animais. Pelo contrário **Ø cuida** para carreiras, pra raiz, pra enduro (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

11e: Entrevistadas: Se **Ø precisarem** de alguma coisa (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Cês vão na instância Minuano, é lá que é o rodeio (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

11f: **Ø Não sei**, porque agora como **Ø começaram** a trancar, **Ø começaram** a fazer convênio com as indústrias de lá, pra **Ø fazerem** preço mais barato, pra poderem competir, porque não tinha (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

Não, não é impossível **eles** conseguem (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

O maior peso relativo encontra-se na 2^o pessoa do plural, que não possui o paradigma flexional com “vós” neste *corpus* e nem na maior parte do português brasileiro, sendo utilizado apenas o “vocês”, que exige sujeitos plenos por não ter uma flexão pronominal característica como o “vós”; e com a 2^o pessoa do singular, que no *corpus* possui a distribuição complementar entre “tu” e “você” e algumas ocorrências de “a senhora”. O “tu” junto à forma verbal com desinência zero foi o mais utilizado (contribuindo para a ocorrência de sujeitos plenos).

Em seguida tem-se a 1^o pessoa do singular e a 1^o do plural, as quais já eram esperadas, pois: i) a 1^o pessoa do singular tem sua marcação morfológica já determinada; ii) a 1^o pessoa do plural tem tanto o “nós” quanto o “a gente” como variantes. Por último, a 3^o pessoa do singular e do plural foi a que mais desfavoreceu a realização do sujeito, com um peso relativo de 0.344.

Além disso, quanto mais contato com o português brasileiro urbanizado, mais há a tendência de sujeitos expressos. Tal fato pode ser visto quando começa a haver menos dificuldade da implementação de realização do sujeito na 3ª pessoa, a mais resistente quanto ao preenchimento do sujeito, e na **1ª pessoa do plural**, que pode ter tanto o “nós” quanto o “a gente”. Sua porcentagem de 61,6% e o peso relativo 0.603 reforçam esta afirmação, ainda mais porque o pronome “a gente”, utilizado como pronome de 1ª pessoa do plural, é mais frequente no português brasileiro de Aceguá.

Com relação à variável preenchimento do sujeito, Pacheco (2014, p. 235 e p. 237) registra os pesos relativos com todos os colaboradores para o sujeito explícito e o sujeito implícito de “a gente”: (i) no português uruguaio, respectivamente, 0.69 e 0.18; (ii) no português brasileiro, respectivamente, 0.57 e 0.24; (iii) na rodada do português brasileiro e do português uruguaio, respectivamente, 0.61 e 0.22. Já na rodada sem os colaboradores de uso categórico de “nós”, tem-se para o sujeito explícito e para o sujeito implícito de “a gente” (i) no português uruguaio, respectivamente, 0.67 e 0.17; (ii) no português brasileiro, respectivamente, 0.56 e 0.27; (iii) na rodada geral do português brasileiro e do português uruguaio, respectivamente, 0.59 e 0.23.

Tais resultados corroboram o fato de que o “a gente” é mais falado por brasileiros monolíngues da comunidade e menos pelos uruguaio bilíngues em espanhol e português, uma vez que o pronome “a gente”, com significado de “nós”, não existe no espanhol e isso pode influenciar na produção do pronome por parte dos uruguaio. Esse fenômeno se dá pelo também fato de que o “a gente” é acompanhado geralmente por uma forma verbal sem desinência distintiva, diferentemente do “nós”, tendendo a exigir o sujeito preenchido, o que também ocorre em Aceguá. Segundo Pacheco (2014, p. 243), “o preenchimento do sujeito tem pouca diferença entre as análises com todos os colaboradores e a análise sem os casos categóricos, mostrando o forte condicionamento linguístico do sujeito explícito para o favorecimento do pronome a gente”.

A **2ª pessoa do singular e do plural** teve o maior peso relativo 0.667 para o favorecimento da realização fonética do sujeito, o que demonstra como a variação sem concordância verbal do “tu”, o “você” e a mudança de “vós” para “vocês” estão presentes na fala dessa comunidade. Quanto a **segunda pessoa do plural**, como dito, é representada pelo pronome “vocês”, mas também a variante reduzida “cês” foi empregada pelas colaboradoras mulheres brasileiras. Nos exemplos a seguir, estão alguns exemplos do uso da segunda pessoa do plural:

12a: **Vocês** passam cinquenta anos pra ganhar um mundial (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

12b: Não, não é só aqui. Mas lá na cidade, **vocês** não tem? (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

12c: Tem jogo ali é capaz de **vocês** conseguirem (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

12d: é que segunda é feriado, senão na escola **cês** iam conseguir um monte de gente (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Para melhor analisar os resultados, faz-se necessário saber quais formas foram utilizadas na **2º pessoa do singular** quando o sujeito foi foneticamente realizado, que, do total de 89 preenchimentos (Tabela 3), foram utilizados:

1) “Tu” + verbo com desinência zero (61/89 = 68,53%):

13a: **Tu** tá no primeiro ano e **tu** tá aprendendo a dividir (mulher brasileira entre 15-30 anos).

13b: Passar fome. Ou eles vendem ali ou deixar **tu** ir (mulher brasileira entre 15-30 anos).

13c: Não, tem sim, se **tu** quer em seguida... (mulher uruguaia entre 15-30 anos).

2) Você + formal verbal com desinência zero (12/89 = 13,48%):

14a: **Você** não passou na Colônia? (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

14b: Ali, **você** viu ali a Aduana, que tem um campo aberto, assim, cruzado (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

14c: Tem certas parte que **você** não aprende (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

3) Tu + verbo com desinência (1/89 = 1,12%):

15a: **Tu tens** que ficar quieto, porque quem manda é o cliente (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

4) A senhora (15/89 = 16,85%):

16a: **A senhora** faz até a sétima, depois **a senhora** faz o primeiro, segundo, terceiro, quarto, de UTO (homem brasileiro entre 15-30 anos).

Salienta-se que o verbo “ter”, conjugado na 2º pessoa do singular (tens) com o sujeito nulo, apareceu em três dados na entrevista com colaborador homem uruguaio e as 15 ocorrências do uso de “a senhora”, as quais foram produzidas pelo colaborador homem brasileiro, tendo em vista que foram utilizadas provavelmente como um sinal de respeito à entrevistadora por ele ser bem jovem.

Com isso, o uso pronominal de “tu” sem a concordância verbal foi majoritário e aponta-se a similaridade da comunidade de Aceguá como um todo nesse uso linguístico. Separadamente, há duas divergências, pois os brasileiros apresentaram maior frequência do uso de “você” e os uruguaio realizaram uma única vez a variante “tu” com concordância verbal e ainda três verbos conjugados na 2º pessoa do singular com sujeito nulo. Entretanto, é necessário apontar que este último uso foi feito por um colaborador uruguaio que nasceu e cresceu no lado do Uruguai e não tem muito contato com

a parte brasileira, logo este fato pode explicar a utilização do “Tu” com concordância e até o verbo conjugado na 2° pessoa com sujeito nulo, como nos exemplos 17a, 17b e 17c:

17a: **Tens** que vender, tens que aceitar a baboseada tudo, porque aí... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

17b: **Tens** que ta na volta dele. Mas, agora... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

17c: É, a faculdade é de graça sim, o problema é que **tens** que ter, no caso... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

Em comparação com outras variedades do português brasileiro em que a implementação do pronome “você” está mais avançada, é possível ter mais de 90% de sujeitos plenos de 2° pessoa do singular na faixa etária estudada nesta pesquisa - jovens entre 15-30 anos (Duarte e Reis, 2018), explicitando a fase na qual o português de Aceguá estaria no processo de mudança de variação, que é atrás de outras variedades brasileiras sem contato linguístico histórico e significativo.

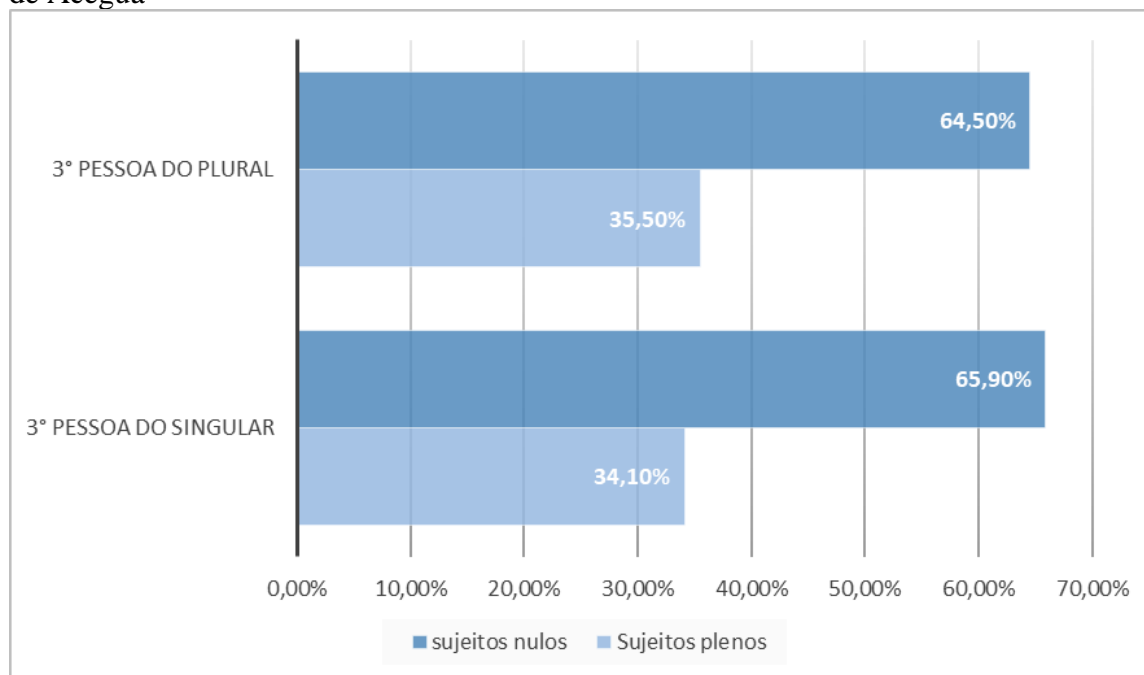
Posto isso, a comunidade de Aceguá estaria no processo de mudança na variação da segunda pessoa do singular apontando para maior realização de sujeitos plenos, provavelmente devido à queda de concordância com o pronome “tu” e a implementação, ainda não tão alta, do pronome “você”, tendo em vista que a variante mais empregada foi o “tu” com a forma verbal sem desinência.

8.2 A 3° pessoa

Do total de 1.127 dados, foram coletados 545 dados de 3° pessoa do singular e do plural, sendo 189 com sujeitos plenos (34,7%), 356 com nulos (65,3%), conforme a Tabela 3 (p. 31) já apresentou. As variáveis selecionadas para a 3ª pessoa foram padrão sentencial e traço semântico.

No princípio da pesquisa, a 3° pessoa do singular (317 dados) e a 3° pessoa do plural (228) foram codificadas separadamente e apresentaram porcentagem de anulação ou realização do sujeito com diferença de apenas 1,4% entre os dois grupos (Gráfico 3).

Gráfico 3: Frequência de sujeitos nulos e expressos na 3ª pessoa do singular e plural na comunidade de Aceguá



Fonte: Elaboração da autora.

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 197), a amalgamação deve ser feita quando há semelhança qualitativa e quantitativa “isto é, pesos e/ou percentuais dos fatores individuais a serem amalgamados semelhantes”. Com isso, comprova-se também que as terceiras pessoas, tanto do singular quanto do plural, comportam-se de maneira bem parecida, pois têm percentuais muito semelhantes e apresentam a mesma natureza sintática de 3ª pessoa, de modo que, sem amalgamá-las, várias rodadas dos dados não geraram convergência e, depois da junção das duas, apenas o tipo de referência foi eliminado pelo programa como não significativo, conforme será melhor explicado na Seção 9.

8.2.1 Sujeitos indeterminados de 3ª pessoa

Dos 545 dados de 3ª pessoa do singular e do plural, 127 deles foram sujeitos indeterminados. Conforme Milánez (1982), ao se referir ao pronome “eles”, o autor diz que “o pronome eles ocorre como indeterminador quando não houver, no contexto, sintagmas nominais anteriores que possam identificá-lo” (Milánez, 1982, p. 60) e ainda que seu uso “envolve um grupo social, implícito ou explícito no contexto onde ocorre” (Milánez, 1982, p. 61). Este grupo social muitas vezes não é aquele ao qual o falante pertence, isto é, é uma maneira de distinção do falante em relação ao grupo social comentado. Além disso, em Bernardi e Sella (2022), aponta outra forma de indeterminação com a terceira pessoa do singular sem sujeito expresso, presente neste *corpus* apenas uma vez (18d). Por fim, houve também pronomes usados sem referente discursivo, mas sim contextual (18e; 18f), ou seja, o referente não foi citado na conversa em si, entretanto está presente no local e os colaboradores se referiram a ele (15 dados). Veja os exemplos:

18a: Sim, sempre cheio. E isso os empregado, não adianta, **eles** te usam por três meses, se tu não serve te **Ø mandam** embora (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

18b: Olha, mas se vocês fossem para Melo, ai no Uruguai, vocês não iam entender nada. Nada, nada, porque **eles** falam muito rápido, muito, muito (Mulher brasileira entre 15-30 anos)

18c: Rivera é grande, Rivera é cidade, aqui é uma cidade, como **Ø dizem** no Uruguai, uma villa... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

18d: Sim, tens que vender, tens que aceitar a baboseada tudo, porque aí **Ø diz** que vem qualquiera um e baboseia... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

18e: Não sei. Só se **ela** fizer em Pelotas pela federal e ai tem que ver se tem o que **ela** quer e ai ela não precisa pagar (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

18f: Na frente da praça Caco Blanco. Olha ali **ele** foi acender a chama oh (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Nos exemplos 18a, 18b e 18c, há o exemplo da 3^o pessoa do plural utilizada como estratégia de indeterminação. Em 18a, o colaborador se referiu a um grupo social explícito na entrevista, que são os chefes, donos e/ou proprietários dos Freeshop (estabelecimento de vendas) da região; em 18b, a colaboradora brasileira se referiu aos uruguaio de Melo; e em 18c, o colaborador uruguaio se referiu ao seu próprio grupo social, o que configura um caso diferente dos já citados. Ademais, registra-se 1 dado do colaborador uruguaio usando a terceira pessoa do singular sem sujeito exposto para indicar indeterminação, conforme 18d “diz que vem...”. Já 18e e 18f configuram referências não discursivas, tendo em vista que em 18e a colaboradora da entrevista se refere a outra colaboradora que está perto dela, mesmo não citando seu nome na conversa, pois é uma referência presente no local da conversa e não foi citada verbalmente; e em 18f é perceptível a ideia expressa de que o referente está no local e não foi dito no discurso (“olha aqui”, “Oh”), mas ele está claro para as colaboradoras através do contexto situacional.

Como explicitado, os sujeitos indeterminados não têm sintagma nominal anterior para identificar, isto é, não há referente e, por isso, os 127 dados de sujeito indeterminados não foram contabilizados nas variáveis padrão sentencial e traço semântico.

8.2.2 3^o pessoa: padrão sentencial

O padrão sentencial se refere à acessibilidade do referente retomado, o que interfere no preenchimento do sujeito, pois, quanto mais próximo o referente estiver do antecedente, tende-se a ter maior anulação por causa da recuperação anafórica mais facilitada. Tal recuperação é possível

através dos pronomes de 3º pessoa e, por isso, o padrão sentencial foi aplicado somente à terceira pessoa do discurso.

Além disso, esta variável é muito importante para verificar o distanciamento do caráter pro-drop do português brasileiro, tendo em vista que, em Chomsky (1981), o autor afirma que, em línguas +sujeito nulo, a retomada pronominal de um antecedente não deve ser feita de forma arbitrária, mas em casos em que o não preenchimento pronominal acarrete em prejuízo semântico, logo um alto índice de realização fonética do sujeito em retomadas de configurações não marcadas (sem ênfase ou contraste) e em diferentes contextos pode indicar uma forte evidência de desobediência ao princípio “evite pronome”, como, por exemplo, em casos em que o antecedente se encontra no período adjacente na mesma função ou um antecedente em função diferente ou distante, o qual só pode ter sujeito expresso quando a anulação provoca ambiguidade (Duarte e Reis, 2018).

Padrão 1: O antecedente se encontra no mesmo período e é sujeito da oração precedente ou tópico (principal ou subordinada). Exemplos:

19a: **A Kelly** eu não sei se **Ø tem**. Ela que eu não sei. Eu... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

19b: Isso ai a **Naiara** comprou, mas **ela** sabe fazer também (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

19c: Entrevistado: Sim. Tem alguns que são doble chapa, porque **a minha avó**, o primeiro casamento, **ela** se casou com um brasileiro. Tem três tios que são doble chapa, depois o resto é tudo uruguaio (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

Padrão 2: O antecedente se encontra no período adjacente e tem função de sujeito. Exemplos:

20a: Entrevistador: A **Maria Helena** fala.

Entrevistado: Sim. **Ela** não falava espanhol, mas ela entende perfeitamente qualquer coisa que tu fale (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

20b: Entrevistadora: Ah, então esse eu vou ver hoje. E **esse outro Uruguaio** é um que o dono é uruguaio, não é?

Entrevistadas: Não, **ele** é brasileiro. É que o nome só é Uruguaio (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

20c: É menor sim. Sim, porque agora **o lado brasileiro** está expandindo, tem mais pra lá. Agora pode ser que com o freshop **Ø pode** melhorar bastante né (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

Padrão 3: O antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há orações entre eles. Exemplos:

21a: Entrevistador: O Loco Abreu é...

Entrevistado: **O Loco Abreu** é véio né.

Entrevistador: É velho já?

Ø **É** véio, deve ter trinta e três ou trinta e seis anos (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

21b: Entrevistadas: **Cyber** é uma casa amarela ali.

Naiara: no meio da quadra.

Entrevistador: Lá tem computador para a gente pagar e usar a internet?

Entrevistadas: Tem.

Entrevistador: Legal.

Entrevistadora: É perto de onde?

Entrevistadas: Aqui, saindo aqui no portão já dá pra ver.

Naiara: Ø **Fica** nessa quadra aqui (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

21c: Entrevistadas: Não sei se o **João** é uruguaio.

Entrevistadora: Ele falou que era uruguaio. Não sei se é o mesmo. é um do o cabelinho...

Entrevistadas: Lisinho... Ø **Deve ser**, eu não sei se **ele** é (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Padrão 4: O antecedente exerce outra função sintática e está alocado no mesmo período, no período adjacente ou no período com orações intervenientes entre o antecedente e o pronome. Exemplos:

22a: Entrevistadora: E por que não chama **essa mulher** para vender lá dentro também né?

Entrevistadas: É, também daria. **Ela** tem tipo um armazém assim, ... (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

22b: Entrevistadora: E tu tem amigos uruguaiois?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistadora: Muitos?

Entrevistado: Tem. Tem **um [amigo]** que trabalha aqui que é uruguaio. **Ele** fala só espanhol.

Entrevistadora: Ele não fala português?

Entrevistado: É muito difícil **ele** falar português, ele só fala espanhol.

Entrevistadora: Mesmo com brasileiro?

Entrevistado: Mesmo com brasileiro. **Ele** fala totalmente errado. **Ele** já é espanhol legítimo, entendeu? **Ele** fala totalmente errado, quando **ele** vai falar com brasileiro **ele** fala mal (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

22c: **Na UTO** tem, agora tão dando classe, Ø **tá** cheio de guri, Ø **seria** o meio lugar (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

Agora, cabe analisar como se deu a distribuição dos dados nos fatores da variável padrão sentencial da comunidade de Aceguá como um todo por meio da Tabela 4. Faz-se necessário também recapitular que, do total de 545 dados de 3º pessoa do singular e do plural, foram contabilizados 418 dados, pois os sujeitos indeterminados dessa pessoa do discurso (127 dados) não foram incluídos.

Tabela 4: Efeito da variável padrão sentencial em relação ao preenchimento do sujeito

Variáveis	Sujeitos preenchidos			Range
	Quantidade	%	Peso relativo	
Padrão 1: antecedente com função de sujeito no mesmo período	13/55	23,6	0.313	29,5
Padrão 2: antecedente com função de sujeito no período adjacente	19/80	23,8	0.369	
Padrão 3: antecedente com função de sujeito em uma oração não adjacente	57/128	44,5	0.536	
Padrão 4: antecedente com outra função sintática em diferentes posições	51/155	32,9	0.608	
Total	140/418	33,5	-	

Significância: 0.024

Fonte: Elaboração da autora.

Na Tabela 4, observa-se que os percentuais do padrão 1 (23, 6%) e padrão 2 (23,8%) estão bem próximos, todavia, como esperado, o padrão 1 foi o fator com menor peso relativo no grupo (0.313) e, logo após, tem-se o padrão 2 (0.369), o qual indica maior acessibilidade sintática ao referente. A diferença de peso entre os dois fatores está abaixo de 0.10, portanto não há uma divergência significativa entre eles no sentido de uma resistência maior do sujeito nulo. Claramente favorecendo mais a realização do sujeito pleno, tem-se o padrão 3 (0.536) e o padrão 4 (0.608), uma vez que são os contextos que menos favorecem a categoria vazia, sendo um especificamente para o antecedente distante com função de sujeito, dificultando sua acessibilidade sintática (padrão 3), e outro para o antecedente exercendo outra função que não a de sujeito no mesmo período, no período adjacente ou no período com orações intervenientes entre o antecedente e o pronome, apresentando uma questão funcional de retomada (padrão 4).

Apesar de o padrão 4 ter uma porcentagem menor do que o padrão 3, o primeiro tem o peso relativo maior, mostrando ser o padrão mais influente para os sujeitos plenos de 3^o pessoa do singular e do plural, mas, com o peso em 0.608, nota-se também que, em casos de difícil acessibilidade e retomada, o sujeito nulo se apresentou presente, já que esse fator leva em conta até quando o antecedente não exerce a função de sujeito e tem orações intervenientes entre ele e o pronome de retomada. Finalmente, por meio dos resultados, conclui-se que a variável padrão sentencial no português falado em Aceguá condiciona a realização fonética do sujeito e há uma força de resistência do sujeito nulo de 3^o pessoa nesses contextos ainda presente na comunidade.

8.2.3 3^o pessoa: traço semântico

Além da variável anteriormente examinada, o traço semântico do referente do sujeito de terceira pessoa é uma variável muito relevante, já que, por exemplo, em línguas pro-drop, como o espanhol e o italiano, o referente com traço [-animado] rejeita totalmente o uso de um pronome pessoal de retomada (Duarte, 1995), logo a presença dessa retomada no português brasileiro indica mais uma ruptura quanto às línguas [+sujeito nulo]. As outras pessoas do discurso têm o traço [+humano/+animado] inerentemente, ou seja, a aplicabilidade dessa variável à 3^o pessoa apenas se justifica com base no fato de que ela é a pessoa verbal que pode variar entre os diferentes traços semânticos (Cyrino, Duarte e Kato, 2000). Três variantes da variável traço semântico foram analisadas, que foram:

1) [+humano/+animado]:

23a: Entrevistador: E **tua mãe** fala em português?

Entrevistado: Ø **Fala**, fala pouco, entreverado, um portunhol mais entreverado, porque em realidade não falemo português, português é um portunhol (Homem uruguaio).

23b: Entrevistadora: Ah, então esse eu vou ver hoje. E **esse outro Uruguaio** é um que o dono é uruguaio, não é?

Entrevistadas: Não, **ele** é brasileiro. É que o nome só é Uruguaio (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

2) [-humano/+animado]:

24a: Entrevistador: Porque **o gato** é mexelão, mata passarinho, ele mexe nas coisas e tem gente que não gosta.

Entrevistadas: Ø **É** metido (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

24b: Entrevistador: Mas **esses cavalos** morriam de que, era cansaço? Era o que?

Entrevistado: Não, Ø **morriam** por muito medicamento... (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

3) [-humano/-animado]:

25a: Entrevistador: E o **Free Shop** está maior também não tá, ou é impressão minha?

Entrevistado: Sim, super.

Entrevistador: Era menor não era?

Entrevistado: Ø **Era** a metade (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

25b: Entrevistado: Aí amanhã eles chegam, **a chama** tem que passar para um piquete (...)

Entrevistado: Não, **ela** é assim, uma coisa redonda embaixo (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

Com isso, a partir dos 418 dados contabilizados, vejamos como cada variante se realiza em função do preenchimento do sujeito, conforme a Tabela 5:

Tabela 5: Efeito da variável traço semântico do discurso em relação ao preenchimento do sujeito

Variáveis	Sujeitos preenchidos			Range
	Quantidade	%	Peso relativo	
[+humano/+animado]	128/244	52,5	0.815	73,7
[+humano/-animado]	8/18	44,4	0.793	
[-humano/-animado]	4/156	2,6	0.078	
Total	140/418	33,5	-	

Significância: 0.024

Fonte: Elaboração da autora.

Segundo a Tabela 5, verifica-se que essa variável tem o range de 73,7, isto é, favorece o sujeito expresso de 3º pessoa do singular e do plural consideravelmente e demonstra-se ser o grupo de fatores de maior relevância. Além disso, a hierarquia de referencialidade (Figura 1) foi contestada, uma vez que um forte condicionador do sujeito pleno foi o fator [+humano/+animado] (0.815) e o [-humano/+animado] (0.793) em detrimento do [-humano/-animado] (0.078). O fator -humano/-animado apresenta uma alta resistência ao preenchimento do sujeito, como pode ser visto pelo peso relativo extremamente baixo. Como dito anteriormente, diferentemente das línguas românicas pro-drop, como o espanhol, a variedade do português brasileiro falado em Aceguá permite a realização de pronomes pessoais nominativos de traço [-animado/-humano], mesmo que pouco, o que comprova sua maior convergência para o português brasileiro do que para o espanhol, mas, em comparação a outras variedades do português brasileiro, está diacronicamente mais “atrasada”.

9 VARIÁVEL NÃO SELECIONADA: TIPO DE REFERÊNCIA

No começo da pesquisa, a variável linguística tipo de referência (específica ou genérica) foi codificada, mas, em diversas rodadas e testes, ela foi descartada pelo programa no *step-up* como sem significância e foi jogada fora no *step-down*, indicando uma não influência real (Guy e Zilles, 2007) no preenchimento do sujeito na comunidade de Aceguá.

Ainda que seja uma variável não selecionada, optou-se por colocar o percentual e os exemplos, em cada pessoa do discurso, do uso pronominal genérico ou específico, tendo como as definições de base Neves (2018 *apud* Bernardi e Sella, 2022), Milánez (1982) e Duarte (1995):

- 1º pessoa singular (eu):

Genérico:

26a: Mas se tu for olhar as roupas de lá pra você sai a pena comprar porque aqui é mais barato, mas as roupas são muito parecidas. Tu sai aqui e **eu** to com uma roupa aqui, sai ali na esquina e tem outro com a mesma roupa que **eu** tô. Ai ninguém compra (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Específico:

26b: Aí depois **eu** parei, terminei o segundo grau, **fui** fazer a faculdade, só que depois **eu** parei e **vim** trabalhar (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

- 2º pessoa do singular (tu/você):

Genérico:

27a: A gente faz tipo de psicologia, mas meio que junto assim. Tem certas parte que **você** não aprende... (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

27b: Entrevistado: É mais espanhol.

Entrevistador: Entre eles e com vocês também?

Entrevistado: É, com nós também. A gente conversa, se **tu** tá aqui, eu estou conversando com a senhora em português, mas vem outro e conversa em espanhol... (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

Específico:

27c: Não, tem sim, se **tu** quer em seguida eu ligo pra ele (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

27d: Não sei se **você** sabe, mas Aceguá é o município mais tradicionalista do Rio Grande do Sul (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

- 3º pessoa do singular e do plural (ele, ela/ eles, elas): Cabe aqui observar que, como Duarte (1995), os sujeitos com traço genérico, entre os quais se encontram sintagmas nominais como “o outro”, “os brasileiros”, “as pessoas”, ao serem retomados com a 3º pessoa do singular ou do plural, foram codificados como sujeito genérico com a diferença de ter a referência definida.

Genérico:

28a: Sim, sim. Todos falam português. E o que não fala, entende. Porque as pessoa mais véia assim, tem uma pessoa véia que não te fala o português, mas **são** mui veia, mas algo Ø **entende**. Com o tempo Ø **vai entendendo**, porque tem o filho né (Homem uruguaio entre 15-30 anos).⁸

Específico:

28b: Eu às vezes me esquecia e seguia falando em português, no mais na frente, e me admiravam como eu falava, os companheiros, os colegas, as professora, e eu falava normal o português assim. E me Ø **pediam** pra que... (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

- 1º pessoa do plural (nós/a gente):

Genérico:

29a: Entrevistada: Português. Claro, eu nunca saí daqui, mas quando vai por aí, Bueno, tá, tem algumas palavras que **nós** até se enrolemo. E mesmo escrever (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

29b: Entrevistado: E a língua como é que vocês se comunicam? É português, todo mundo é bilíngue? Aqui **a gente** entende. A senhora viu, eu tive que falar com ela em espanhol (Homem brasileiro entre 15-30 anos).

Específico:

29c: Entrevistadora: Tem também? Vocês não participam não?

Entrevistadas: Não.

Entrevistada: Não, **a gente** não (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

29d: Sim. **Nós** fomos uma vez numa excursão no colégio (Mulher uruguaia entre 15-30 anos).

- 2º pessoa do plural (vocês/cês):

Genérico:

30a: **Vocês** passam cinquenta anos pra **ganhar** um mundial (Homem uruguaio entre 15-30 anos).

Específico:

30b: Entrevistadas: É que segunda é feriado, senão na escola **cês** iam conseguir um monte de gente (Mulher brasileira entre 15-30 anos).

Dessa forma, a Tabela 6 nos mostra como essa variável se comportou quanto à expressão do sujeito, tendo em vista que, seguindo a escala de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), espera-se que a referência específica tenha maior índice de preenchimento em comparação com a referência genérica.

⁸ Note como o sujeito nulo passa da mudança do plural para o singular, como se o referente passasse de +definido para + genérico, conforme Duarte (1995) já apontou.

Tabela 6: Efeito da variável tipo de referência em relação ao preenchimento do sujeito

Variáveis	Sujeitos preenchidos	
	Quantidade	%
Específico	368/712	51,7
Genérico	206/415	49,6
Total	574/1.127	50,9

Fonte: Elaboração da autora.

Com a Tabela 6, pode-se ver que as porcentagens de realização do sujeito foram bem próximas, contudo com a diferença de que a referência específica (51,7%) ficou um pouco acima da média geral de preenchimento (50,9%) e que a genérica um pouco abaixo com (49,6%). Como o programa já apontou, esse grupo não se demonstrou significativo para o fenômeno estudado, o que demonstra uma neutralidade desse grupo de fatores quanto à realização do sujeito.

Para analisar o resultado, é necessário basear-se na hierarquia de referencialidade, pois, segundo ela, quanto mais específico, humano e referencial for a referencialidade, maior a probabilidade de realização fonética do sujeito. Vejamos a Tabela 7, que mostra o cruzamento entre as variáveis pessoa do discurso e referência específica ou genérica:

Tabela 7: Cruzamento entre as variáveis tipo de referência e pessoa do discurso quanto ao preenchimento do sujeito

Pessoa do discurso	Específico		Genérico	
	Quantidade	%	Quantidade	%
1° pessoa do singular	186/283	66	4/4	100
2° pessoa do singular	33/51	65	56/78	72
3° pessoa do singular e do plural	107/310	35	82/235	35
1° pessoa do plural	24/44	55	61/94	65
2° pessoa do plural	18/24	75	3/4	75
Total	368/712	52	206/415	50

Fonte: Elaboração da autora.

É notável que houve a mesma porcentagem de preenchimento entre específico e genérico na 3ª pessoa do singular e do plural e na 2ª pessoa do plural, entretanto, as pessoas verbais que partilham o traço inerentemente [+humano], como a 1ª pessoa do singular e do plural e a 2ª pessoa do singular, tiveram uma porcentagem de realização do sujeito genérico até 10% mais alto do que o específico, o que pode ter contribuído para essa proximidade de percentuais apresentada na Tabela 7. Este fato se deve a sua igualdade de realização na 3ª pessoa do singular e do plural e na 2ª pessoa do plural e superioridade nas outras pessoas do discurso com traço [+humano] em comparação com a referência específica, pois, apesar de a referência genérica favorecer a anulação do sujeito, sua presença nas pessoas inerentemente +humana e +referencial contribuiu para a similaridade com a referência específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o preenchimento de sujeito na variedade do português falado na comunidade fronteiriça de Aceguá, na qual há a coexistência da variedade falada por brasileiros monolíngues na parte da cidade situada no extremo sul do Rio Grande do Sul e da variedade chamada de português uruguaio utilizada pelos uruguaio bilíngues em espanhol e português (ambas adquiridas como línguas maternas) na parte localizada ao norte do Uruguai.

Do ponto de vista do preenchimento do sujeito, o português brasileiro historicamente se classificou como uma língua pro-drop segundo a definição de (Chomsky, 1981), entretanto certas características que definem esse tipo de língua não estão mais presentes na nossa língua e, por isso, o português brasileiro se encaixa, segundo Veríssimo (2017), na categoria de língua parcialmente pro-drop, conceito este que tenta mostrar certa escala de prototipicidade entre as línguas do mundo.

Foram obtidos 1.127 dados de sujeito pronominal de cinco colaboradores entre 15-30 anos a partir das variáveis sociais sexo e nacionalidade e das variáveis linguísticas pessoa do discurso, tipo de referência, padrão sentencial e traço semântico. Quanto às variáveis linguísticas padrão sentencial e traço semântico, foram rodados 418 dados referentes à 3ª pessoa do singular e do plural, pois haviam 545 dados de sujeitos de 3º pessoa do singular e do plural, mas 127 eram de sujeitos indeterminados.

A hipótese inicial é de que a realização do sujeito em Aceguá na faixa etária de 15-30 anos não estaria tão avançada quanto em outras variedades do português brasileiro urbano, devido à influência do espanhol na comunidade e da sua etapa anterior na diacronia dessa mudança linguística.

Seguindo a ordem de seleção e robustez, o mais forte condicionante de preenchimento do sujeito é a variável de 3º pessoa **traço semântico** (range 73,7). Os resultados são os seguintes: [+humano/+animado] (0.815), o [-humano/+animado] (0.793) e [-humano/-animado] (0.078).

Em seguida, tem-se a **pessoa do discurso** (range 32,3), em que a ordem decrescente dos fatores é 2º pessoa do singular e do plural (0.667), 1º pessoa do singular (0.657), 1º pessoa do plural (0.603) e, por último, a 3º pessoa do plural e do singular com 0.344. Os resultados corroboram a hierarquia de referencialidade (Figura 1), porque os maiores pesos relativos se encontram na 1º e 2º pessoa e o menor peso está na 3º pessoa. Assim, de acordo com a hierarquia, sujeitos pronominais plenos começam a se implementar a partir dos itens mais referenciais (1º e 2º pessoa) e mais lentamente nos menos referenciais (3º pessoa), indo do +humano ao -humano (Duarte, 2012).

Ademais, a última variável linguística forte é o **padrão sentencial** (range 29,5). Os fatores padrão 1 (0.313), antecedente com função de sujeito no mesmo período, e o padrão 2 (0.369), antecedente com função de sujeito no período adjacente, estão bem próximos quanto ao peso relativo, todavia, como esperado, o padrão 1 foi o fator com menor peso e, logo após, tem-se o padrão 2, o qual indica maior acessibilidade sintática ao referente. Claramente favorecendo o sujeito pleno, tem-se o padrão

3 (0.536), antecedente com função de sujeito em uma oração não adjacente, e o padrão 4 (0.608), antecedente com outra função sintática em diferentes posições.

As variáveis sociais nacionalidade e sexo são as últimas a serem selecionadas estatisticamente. Quanto à **nacionalidade** (range 13,4), obteve-se os pesos relativos de: i) brasileiro (0.565); e de ii) uruguaio (0.431), demonstrando ter maior força de condicionamento na realização do sujeito no caso dos brasileiros. Este resultado aponta para a diferença entre a variedade do português brasileiro falado pelos brasileiros monolíngues e a variedade português uruguaio utilizada pelos bilíngues em Aceguá, já que este se assemelharia mais ao espanhol que não preenche necessariamente o sujeito em comparação com o objeto direto. Na variável **sexo** (range 7,8), as mulheres (0.534) favorecem o preenchimento do sujeito, já que tendem a propagar variantes inovadoras e mudanças linguísticas não marcadas, em detrimento dos homens (0.456).

Em seguida, o **tipo de referência** não demonstrou ser significativo para o fenômeno estudado, tendo em vista que não foi selecionado pelo Goldvarb X. Logo, ressalta-se que as porcentagens de realização do sujeito foram bem próximas, já que a referência específica (51,7%) ficou pouco acima da média geral de preenchimento (50,9%) e a genérica pouco abaixo (49,6%).

Com isso, é confirmado o *continuum* dialetal no Brasil, do mais ao menos urbano, em que a realização do sujeito pronominal (fenômeno não estigmatizado) está mais avançada em algumas regiões em detrimento de outras. Um exemplo do avanço do português brasileiro urbano é o já presente pronome lembrete na posição de sujeito nas orações relativas, como já dito, em contrapartida do português fronteiriço de Aceguá, que não teve, neste *corpus*, esse tipo de dado.

No caso de Aceguá, é perceptível que, em comparação com outras regiões, a variedade do português falado no local está diacronicamente mais tardia na implementação do sujeito expresso, isto é, na sua distanciação das características de línguas pro-drop, como italiano e espanhol. Logo, se evidencia que o português uruguaio é uma variedade do português brasileiro, assim como o português brasileiro falado na região, já que os fatores condicionantes presentes em diversos estudos acerca do português brasileiro se repetem regendo a língua de forma muito similar na comunidade.

Além disso, o papel da urbanização parece evidente, assim como já revela Pacheco (2014), no fenômeno da expressão da categoria do sujeito, uma vez que Aceguá tem uma área rural proeminente e a urbanização está crescendo na comunidade, ressaltando a complexidade da realidade linguística e social. Para estudos futuros, recomendam-se a coleta de mais dados de outras faixas etárias e o estudo de outros fenômenos linguísticos do português uruguaio e do português brasileiro da fronteira, com mudança em tempo aparente, para melhor comparar as variedades presentes em Aceguá. Espera-se que cada vez mais haja estudos acerca das diferentes variedades do português brasileiro que ainda não foram legitimadas, a fim de maior inclusão e de políticas linguísticas tão importantes para representação desses povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBA, O. de. Función del acento en el proceso de elisión de la /s/ en la República Dominicana. *In:* ALBA, O. de (Org.). **El español del Caribe**. Santiago: Universidad Católica Madre y Maestra. 1982. p. 17-26.
- BERNARDI, E.; SELLA, A. F. Sujeitos pronominais genéricos e pronomes indefinidos em interações orais: casos de referência genérica ou indeterminada. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 8144-8156, jul.-set. 2022.
- CARVALHO, A. M. Eu gosto do jeito da Globo falar português: palatalização e urbanização do português uruguaio”] *In:* ESPIGA, J.; ELIZAINCÍN, A. (Ed.). **Español y portugués: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos**. Pelotas: Educat, 2008.
- CARVALHO, A.; BESSETT, R. Subject pronoun expression in Spanish in contact with Portuguese. *In:* CARVALHO, A.; OROZCO, R.; SHIN, N. (Org.). **Subject pronoun expression in Spanish**. Washington: Georgetown University Press, 2015. p. 143-166.
- CARVALHO, A. M. **Contact between spanish and portuguese in South America**. 2022.
- CARVALHO, A. M. **Vozes da margem: um documentário sociolinguístico**. Montevideú: Embaixada de Portugal em Montevideú, 2024.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding: the pisa lectures**. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2010.
- CÓRDOBA, A. L. P.; CAMACHO, R. G. A expressão do pronome pessoal sujeito no espanhol falado no Caribe colombiano. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 404-424, abr. 2019.
- CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. *In:* KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Org.). **Brazilian portuguese and the Null Subject Parameter**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2000. p. 55-73.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. *In:* ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 107-128.
- DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. 149 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

- DUARTE, M. E. L. Termos da oração. *In*: VIEIRA S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.) **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo. Contexto, 2007. p. 186-204.
- DUARTE, M. E. L. (Org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992)**: estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola, 2012.
- DUARTE, M. E. L.; REIS, E. P. R. dos. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. **ReVEL**, v. 16, n. 30, p. 173-197, 2018.
- DUARTE, M. E. L.; REIS, E. P. R. dos. “Por uma sociolinguística românica ‘paramétrica’”: relendo Tarallo 1987 e virando a página. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 1855-1895, 2022.
- DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G. C.; SANTOS, H. Os sujeitos de 3ª pessoa: revisitando Duarte 1993. *In*: DUARTE, M. E. L. *et al.* **O sujeito em peças de teatro (1833-1992)**: estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola, 2012. p. 21-44.
- FERNÁNDEZ, O. S. El pronombre personal: formas y distribuciones - Pronombres átonos y tónicos. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**: sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1209-1273.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.
- HOLMBERG, A.; ROBERTS, I. Introduction: parameters in minimalist theory. *In*: BIBERAUER, T. *et al.* **Parametric variation**: null subjects in minimalist theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2014.
- KENEDY, E. Gerativismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. T. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1, p. 127-140.
- KENEDY, E. Princípios e parâmetros. *In*: KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 89-114.
- KLAUSBERGER, M. I. Entre tempos, identidades e transterritorialidades: a fronteira Santana do Livramento (BR)-Rivera (UY). **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 16, n. 2, jul.-dez. 2023.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MILÁNEZ, W. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

- NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.
- NOVAES, J. C. A. **O preenchimento do sujeito pronominal no português afro-brasileiro na comunidade quilombola de Lagoinha**. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.
- NUNES, V. F. L. **Preenchimento do sujeito pronominal na fala da comunidade de João Pessoa**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.
- PACHECO, C. da S. Primeiras reflexões sobre o português fronteiriço de Aceguá. *In*: CARDOSO, C. R. *et al.* (Org.). **Variação linguística, contato de línguas e educação**. 1. ed. São Paulo: Pontes, 2013. v. 5, p. 187-207.
- PACHECO, C. da S. **Alternância nós e a gente no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil-Uruguaí (Aceguá)**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- PACHECO, C. da S. Contextualização sócio-histórica da fronteira Brasil-Uruguaí. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 14, n. 1, p. 257-293, 2020.
- PACHECO, C. da S.; CARVALHO, A. M.; SCHERRE, M. P. When a new pronoun crosses the border: the spread of a gente on the brazilian-uruguayan frontier. **Languages**, v. 9, n. 3, p. 1-19, 2024.
- RIZZI, L. **The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar**. [s.l.]: [s.n.], 1988.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, H. S. da. **O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- SILVA, J. C. da. **As orações relativas no português falado em Feira de Santana-BA**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.
- VARGAS, A. de S. C. A evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação. *In*: DUARTE, M. E. L. (Org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 45-68.
- VERÍSSIMO, V. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 76-90, jan.-jun. 2017.

VOGT, D. R.; CARDOSO, B. A realização do sujeito em Florianópolis. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 86-102, ago.-dez. 2014.

TARALDSEN, K. T. The scope of Wh movement in Norwegian. **Linguistic Inquiry**, v. 4, n. 9, p. 623-640, 1978.

TARALLO, F. Por uma sociolinguística românica paramétrica: fonologia e sintaxe. **Ensaio de Linguística**, Belo Horizonte, v. 13, p. 51-84, 1987.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M. P. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da Abralin**, p. 121-146, 2011.